

Paisagem Povoada: a Gândara na obra de
CARLOS DE OLIVEIRA

Vital Moreira



CARLOS DE OLIVEIRA
*(Belém do Pará, 1921 -
- Lisboa, 1981)*

PAISAGEM POVOADA

A GÂNDARA NA OBRA DE CARLOS DE OLIVEIRA

VITAL MOREIRA

PAISAGEM POVOADA

A GÂNDARA NA OBRA DE CARLOS DE OLIVEIRA

CÂMARA MUNICIPAL DE CANTANHEDE
COMISSÃO DE COORDENAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO CENTRO
2003

Colecção: "Rota dos Escritores do Século XX"
Coordenação Científica: Prof. Doutor Seabra Pereira

Título: Paisagem Povoada: a Gândara na obra de Carlos de Oliveira
Autor: Ângela de Oliveira, Augusto Cabrita, Vital Moreira

Edição: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro
Fotografia: Vital Moreira

Coordenação de Edição: Ana Maria Saturnino
Coordenação Gráfica: Ana Maria Barbero
Capa: Ana Maria Barbero

Composição: Grafismos - Pedro Bandeira, Lda.
Impressão: Imprensa de Coimbra, Lda.

ISBN: 972-569-143-1
Depósito Legal: 203946/03

1ª edição: Dezembro 2003
Tiragem: 1000 exemp.

www.rotadosescritores.org

Apresentação



Mal cheguei a conhecer pessoalmente Carlos de Oliveira. E quando o conheci – numa visita a sua casa, em Lisboa, pela mão de Jorge Reis, uma noite no final dos anos 70 –, desde há muito que era razoável conhecedor e profundo admirador da sua obra, tanto de ficcionista como de poeta.

Além de outras razões, estéticas e ideológicas, a sua obra dizia-me muito também pela sua ligação à Gândara. Embora nascido na vizinha Bairrada, a Gândara era-me familiar, já pela proximidade, já pelo conhecimento proporcionado pelas frequentes deambulações juvenis pela região, incluindo as assíduas viagens de bicicleta para a Praia de Mira, atravessando o coração das terras gandaresas. Por isso era com especial fascínio que via esse mundo familiar transformado em objecto literário nos livros de um grande escritor.

Mas a oportunidade para escrever sobre a obra de Carlos de Oliveira só surgiu infelizmente depois da sua morte prematura, quando a revista *Vértice* (Coimbra), a cuja redacção eu pertencia desde final dos anos 60, resolveu dedicar um número especial (n.º 450-1, 1982) ao autor da *Casa na Duna*, falecido no ano anterior, o qual tinha sido, ele próprio, redactor da mesma revista nos anos 40. Coube-me abordar a relação da obra com o universo da Gândara, tão evidente em toda a obra, tendo assim surgido o texto «Paisagem Povoada – A Gândara na obra de Carlos de Oliveira».

Uma dúzia de anos depois, em 1994, esse trabalho voltou a ser publicado, em edição autónoma, pela Câmara Municipal de Cantanhede, por iniciativa do então director da Biblioteca Municipal Jorge Pais de Sousa, sendo Presidente da Câmara Municipal Rui Crisóstomo.

Passadas mais de duas décadas é esse mesmo texto que agora volta a ser publicado no presente volume, numa versão revista. A presente edição inclui

ainda uma antologia de trechos de Carlos de Oliveira que mais intimamente reflectem a sua vivência gandaresa, tanto da sua obra em prosa como da sua poesia, bem como um quadro biográfico do autor de *Finisterra* (sendo este uma reedição, revista, de um texto igualmente publicado no referido número da *Vértice*).

Desejo agradecer ao Professor Doutor Seabra Pereira, pela inclusão deste meu trabalho na colecção “Rota dos escritores”, bem como à Câmara Municipal de Cantanhede e aos respectivos serviços culturais, pelo apoio e pelo estímulo.

Coimbra, Julho de 200

*À memória de Joaquim Namorado, a quem, entre tantas outras coisas,
fiquei a dever o desafio para escrever sobre Carlos de Oliveira.*

A Ângela Oliveira, pelo muito que me ensinou sobre a obra dele.

Paisagem Povoada: a Gândara na obra de Carlos de Oliveira

«(...) o meu ponto de partida, como romancista e poeta, é a realidade que me cerca.»

(O Aprendiz de Feiticeiro)

«(...) sucede aos romancistas repetirem o essencial (para eles) em vários enredos.»

(«Nota final» de Finisterra)



1. Memória da infância

1.1. As referências

Toda a obra de ficção de Carlos de Oliveira, e muita da sua obra poética, tem o seu universo referencial na região da Gândara.

No primeiro livro de poesia – *Turismo* (1942) – um dos poemas (ou melhor, grupo de poemas) tem por título «Gândara», começando assim os seus primeiros versos (na versão final da *Obra Poética*, de 1976):

«*Gândara* sem uma ruga de vento.
(...)
Campos, pinheiros e campos
quietos.»
(*Obra Poética*, I, p. 14).

Por uma notícia dessa região começa também o seu primeiro romance, *Casa na Duna* (1943):

«Na *gândara* há aldeolas ermas, esquecidas entre pinhais, no fim do mundo.»

Principia igualmente por uma precisa alusão gandraesa o romance *Pequenos Burgueses* (1948):

«Nos começos do estio, uma destas veredas da *gândara* é um enovelado fiar e desfiar de pegadas.»

Na verdade, são numerosíssimas as explícitas menções à Gândara em todas as obras. Essa comum referência não deixou de ser sublinhada por todos os que se debruçaram sobre a obra do autor de *Casa na Duna*. Escrevendo em 1967, Alexandre Pinheiro Torres chegou a designar por “tetralogia da Gândara» o conjunto dos quatro primeiros romances de Carlos de Oliveira (1943-1953), designação que só não se revela inteiramente correcta porque, com a posterior publicação de *Finisterra* (1978), passaram a ser cinco os romances gandraes do escritor. Do mesmo modo, Manuel Gusmão observava em 1981 que a Gândara marcara profundamente o escritor, que «profusa e profundamente a reconstituirá na sua obra, quer poética, quer romanesca» (*A Poesia de Carlos de Oliveira*, p. 13). Muito antes, em 1947, já Vitorino Nemésio considerava que a Gândara tinha «o seu cronista em Carlos de Oliveira, o poeta de *Casa na Duna* e *Uma Abelha na Chuva*» (*Viagens...*, p. 24).

1.2. A memória

Mas a Gândara não é em Carlos de Oliveira uma simples referência geográfica, nem sequer apenas um universo exterior em que se veio inserir a obra. É mais do que isso: é raiz, cerne e substância de toda a sua obra, do próprio discurso literário. Pertencem à Gândara lugares, temas, personagens, conflitos, imaginário, campos, figuras, linguagem e modos de dizer, enfim, a paisagem e o povoamento do universo literário do autor de *Finisterra*.

A Gândara é o material que enche a memória romanesca e poética do autor. Constitui uma permanente evocação. «Minha gândara areenta (...)» –, recorda ele, autobiograficamente num texto de 1956, depois recolhido em *O Aprendiz de Feiticeiro* (p. 20). A mesma lembrança afectiva encontra-se em inúmeras passagens da sua obra: seja no «gandarês torvo», do poema «Memória de João Santeiro» (*Mãe Pobre*), seja nas páginas doridas de *Alcateia*:

Escrevo sem pensar:
uma asa de corvo,
Pois sem querer falei de ti
gandarês torvo.»
(*Trabalho poético*, I, p. 48)

«(...) naqueles dias amargurados da *gândara*, que geram ladrões, mendigos e assassinos, ganhões e emigrantes, terra-mãe enjeitando os seus próprios filhos pelo mundo fora.»

(*Alcateia*, p. 246)

É essa mesma memória que perpassa fulgurantemente nas últimas obras do escritor, nos poemas de *Sobre o Lado Esquerdo* e *Micropaisagem*, nas páginas densas de *Finisterra*, que constitui por assim dizer, um roteiro da memória da sua infância gandraesa («passei a infância aqui» – *O Aprendiz...*, p. 268). No poema em prosa «Desenho infantil» (de *Sobre o Lado Esquerdo*) recorda a imaginação de criança registada nos cadernos escolares: as «dunas ocres», a «chuva a desabar num ímpeto castanho», os «lobisomens com a violência azul dos cavadores» –, elementos estes (dunas, chuva, lobisomens) que tantas e tantas vezes ocorrem em toda a sua obra.

É à Gândara que sempre reverterá a sua memória de escritor:

«Este junho que lembra um forno de cal na *gândara*, ao meio dia.»
(*O Aprendiz...*, p. 86)

Não deixará de confessar explicitamente:

«Perguntam-me ainda porque falo tanto da infância. Porque havia de ser? A segura, a aridez desta linguagem fabrico-a e fabrica-se em parte de *materiais vindos de longe*: saibro, cal, árvores, musgo. E gente numa grande solidão de areia.»

(*O Aprendiz...*, p. 264)

A Gândara está pois inapelavelmente comprometida na própria origem da criação literária do escritor.

Imprimiu-lhe marcas indeléveis:

«Cresci cercado pela grande pobreza dos camponeses, por uma mortalidade infantil enorme, uma emigração espantosa. Natural portanto que tudo isto me tenha tocado (melhor, tatuado).»

(*O Aprendiz...*, p. 260)

2. Recriação literária da Gândara

2.1. A região da Gândara

Geograficamente a Gândara é uma região compreendida na zona delimitada pela Ria de Aveiro, a norte, e os campos do Mondego, a sul; pela Bairrada, a leste, e as dunas do litoral, a poente.

O termo «gândara», dizem os dicionários e enciclopédias, designa o «terreno arenoso pouco produtivo ou estéril» (*Dicionário* de Cândido de Figueiredo), a «charneca, terra areosa, terreno inculto» (*Enciclopédia Luso-Brasileira*). É com este sentido que o nome aparece frequentemente no noroeste português a designar numerosos lugares e sítios. Ora, a região da Gândara não passa na verdade de uma *grande gândara* ou de um *conjunto de gândaras*, que, pela sua extensão e continuidade, acabaram por dar o nome à própria região como tal.

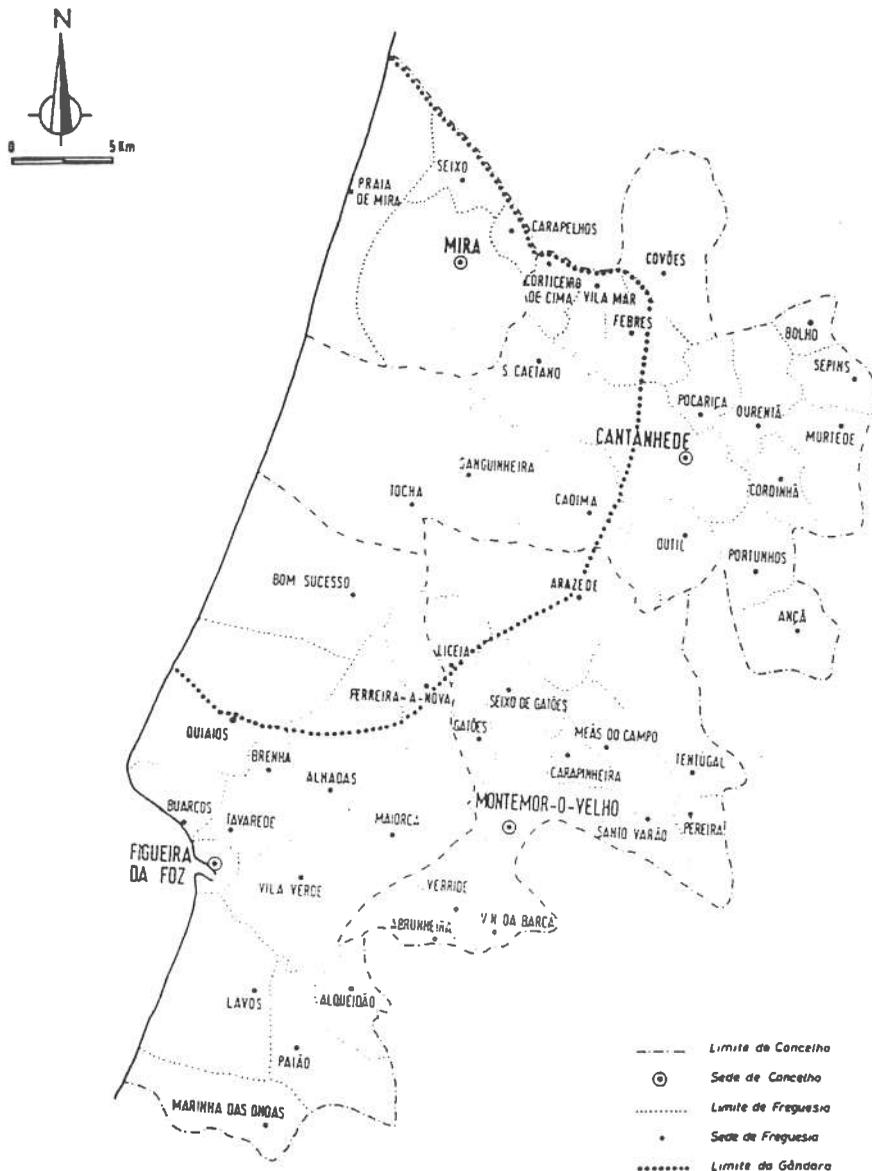
No seu estudo sobre a região e a casa gandraesa, Jorge Dias, F. Galhano e E. Veiga de Oliveira escrevem: «Este topónimo [«Gândara»] constitui sem dúvida mais um exemplo da passagem de um apelativo a nome geográfico, que é frequente entre nós e noutros países (...). A sub-região gandraesa (...) corresponde na realidade ao sentido da palavra gândara: é uma faixa de terreno arenoso, relativamente plano e pouco fértil (...)». No mesmo sentido se pronuncia Amorim Girão no 3º volume do *Guia de Portugal*: «A designação de Gândara aplica-se na toponímia portuguesa a qualquer porção de terreno areento, inculto e geralmente plano ou de relevo pouco acentuado. E generalizou-se esta designação na bacia do Vouga e do Mondego, a toda a zona pliocénica que se dispõe de norte a sul em contacto com os medos de areia do

litoral (...). É o contraste da sub-região gandraesa com as sub-regiões vizinhas da *Ria*, da *Bairrada* e dos *Campos de Coimbra* de intensa cultura e grande produtividade agrícola, que sem dúvida lhe fez aplicar tal nome» (*Guia de Portugal*, vol. III, p. 115-6). Partindo de uma definição geológica, G. Soares de Carvalho considera que é a «existência de um manto arenoso que dá aspecto característico à Gândara» (*Areais da Gândara...*, p. 9).

Numa delimitação territorial ampla, a Gândara abrange a parte ocidental do concelho de Cantanhede, o concelho de Mira, e ainda franjas dos concelhos de Vagos (a norte) e da Figueira da Foz e de Montemor-o-Velho (a sul). Numa delimitação mais restrita (que abrange o núcleo mais característico da Gândara), J. Leite de Vasconcelos faz incluir nela apenas: «parte do concelho de Mira» (certamente a parte oriental) e «as seguintes freguesias do concelho de Cantanhede: Cadima, parte da de Cantanhede (a outra parte é da Bairrada), Covões, Febres e Tocha» (*Etnografia Portuguesa*, vol. III, p. 335).

Em qualquer caso, trata-se de uma região de terrenos predominantemente arenosos, planos, interrompidos por algumas lagoas e charcos, sem grandes acidentes orográficos, em boa parte revestidos de pinhal, com um povoamento relativamente escasso, de tipo «disperso, aglomerado», sendo as culturas predominantes o milho, o feijão e a batata, ao lado da criação de gado bovino.

Mas a Gândara não é apenas uma realidade geológica; é também uma *realidade geo-humana e cultural*. Não sendo as condições naturais da região gandraesa «das mais propícias à ocupação humana» (J. Dias, *ob. cit.*, p. 418), é relativamente baixa a densidade demográfica do território. Encontrando-se a população dispersa por pequenas povoações, distanciadas umas das outras, separadas por extensos pinhais ermos, não podem estas circunstâncias deixar de influenciar a natureza dos habitantes. Escrevendo em 1944 (ou seja, na mesma época em que Carlos de Oliveira publica os seus primeiros livros), o geógrafo Amorim Girão afirma que «os gandraeses, secos de carnes, esguios, rosto amarelido, não têm por via de regra o ar alegre e comunicativo das populações vizinhas»; e, depois de, citando outro autor, lembrar que «cada solo faz os seus homens», conclui que «nunca esta palavras nos pareceram mais flagrantes de verdade como ao percorrer as pobres terras da Gândara» (*Guia de Portugal*, vol. III, p. 117).



A divisão administrativa da Gândara (1987)
 (in Cravidão, Fernanda Delgado (1988) - *A população e o Povoamento da Gândara*, Tese de Doutoramento, Coimbra)

2.2. A Gândara reconstituída

2.2.1. Realidade e transfiguração literária

É esse universo geo-humano da Gândara, tal como o conheceu na infância e juventude e reteve na memória, que Carlos de Oliveira vai *recriar* literariamente nos seus poemas e romances: recriar, reconstituir – não reproduzir. O ponto de partida é certamente a realidade – observará o próprio escritor em certa ocasião, a outro propósito (*O Aprendiz...*, p. 94) –, mas o processo para a transpor em termos literários implica necessariamente a sua *transfiguração*, a sua sujeição ao código específico da criação literária.

A imagem da Gândara que se colhe em Carlos de Oliveira não tem nada a ver com preocupações de reprodução da realidade concreta. Na reconstituição literária a Gândara adquire uma imagem depurada, sintetizada nos seus *aspectos essenciais*, seleccionados segundo critérios e exigências da arquitectura e do discurso literários, que de uma massa caótica de informações concretas escolhe aquelas que podem funcionar como *arquétipos*, as que podem aspirar à compreensão universal da realidade. A *quantidade* descritiva cede lugar à *profundidade* caracterizadora. Em vez de uma *perspectiva regionalista*, um enfoque *universalizante*.

Isto é verdade quer para as primeiras obras de Carlos de Oliveira, mais intensamente marcadas pelo código estético e ideológico da narrativa neo-realista, da qual ele foi um dos grandes expoentes, quer sobretudo para as da última fase da produção literária – representada sobretudo pela *Micropaisagem* (1968), na poesia, e pela *Finisterra* (1978), na ficção –, bem mais depuradas esteticamente e mais despojadas de referências ao mundo real. Tal como ele próprio disse, a propósito da *Micropaisagem* (mas o mesmo vale para *Finisterra*), «a matéria (...) talvez mais decantada, mais indirecta, é a mesma» (*O Aprendiz...*, p. 260-61).

Com isso a Gândara «literária» não é menos *autêntica* nem menos *verdadeira* do que a Gândara «real». Pelo contrário: porventura somente através da reconstituição literária é que se permite revelar a sua realidade íntima, de outro modo insondável.

2.2.2. Os lugares

Na obra de Carlos de Oliveira não é apenas o frequente emprego do termo «gândara» que remete explicitamente para aquela região. Os próprios

topónimos utilizados nos romances (salvo em *Finisterra*, onde eles não existem) são essencialmente gandareses. Acontece mesmo que uma boa parte deles até vêm no mapa, são nomes reais. É o que acontece com lugares ou aldeias como São Caetano (*Casa na Duna*, *Alcateia*, *Pequenos Burgueses*, *Uma Abelha na Chuva*), Montouro (*Uma Abelha na Chuva*, *Pequenos Burgueses*), Fonterrada (*Alcateia*, *Pequenos Burgueses*, *Uma Abelha na Chuva*), Perboi (*Casa na Duna*, *Alcateia*) e várias outras (Pena, Poceirão, Praia do Areão, Ançã, Campanas, Várzea, Covão, etc.). Por outro lado, «Corrocovo», nome literário da povoação onde decorre a *Casa na Duna* (sendo referida também em *Mãe Pobre* e em *Alcateia*), embora não exista realmente nenhuma povoação com esse nome, este provém, notoriamente, do topónimo «Corgo Covo», nome de um lugar do concelho de Cantanhede, perto de S. Caetano. Por sua vez, «Corgos» – a vila dos romances, cuja descrição (especialmente na *Casa na Duna*, em *Alcateia* e em *Pequenos Burgueses*) deixa ver nela facilmente a versão literária da vila de Cantanhede – é na verdade um topónimo que designa um lugar cerca de Febres, a aldeia em que Carlos de Oliveira passou a infância.

É fácil verificar que, ao serem transpostos para o universo ficcional, esses topónimos são transfigurados: estão situados em lugares distintos dos que lhe cabem na geografia real, passam a ter relações entre si (distâncias, etc.) diferentes das que têm na realidade. Mas o facto de o escritor os ter escolhido, em vez de ter inventado outros de raiz, revela o seu desejo de propositada identificação do universo romanesco com a região; por outro lado, o facto de os nomes se repetirem de livro para livro – o que sucede também com algumas das personagens – explicita uma intenção de unidade do conjunto das obras de ficção, de modo a identificá-las por um comum enquadramento geográfico, sociológico e humano.

Mais importante do que a identidade toponímica é a correspondência entre lugares literários e os lugares reais. Por exemplo, não é difícil reconhecer Cantanhede nesta descrição da Corgos literária: as «ruas mais ou menos radiais», «no centro, em redor do parque (...), os Paços do Concelho, a Matriz, duas ou três casas apalaçadas» (*Pequenos burgueses*, p. 91); «os fornos de cal (...) à beira do caminho de ferro» (*Alcateia*, p. 75). E quem já alguma vez foi à praia de Mira – e sobretudo quem a conheceu há 40 ou 50 anos – não poderá deixar de a identificar imediatamente nas páginas de *Alcateia* que descrevem a chegada de um viajante à «Praia do Areão»: primeiro, a entrada na «floresta» que a precede, com «renques de plátanos e carvalhos novos» a medrarem do «areeiro»; depois, a aproximação dos «morros brancos das dunas» e, uma vez

passada a «ponte», o surgir dos «primeiros palheiros», «na encosta da duna», até ao «cimo da rampa», onde começa a praia (pp. 88 sgs.).

A identificação não ficaria completa sem esta bela descrição da saída das redes típica da arte xávega nessa época:

«Em frente dos palheiros, homens de tronco nu arrastam as pesadas cordas das companhas. Chegam de baixo os seus gritos roucos e o peso da rede tolhida pelas águas põe-nos curvados, as pernas tensas, os braços contraídos aguentando o cordame. Bois ajudam à faina e os gritos duros sobem a encosta da praia, incomodam a gente das barracas, misturados aos mugidos dos bichos aguilhados. Garotos sujos correm dum lado ao outro, brincando entre as canastras e as pilhas dos cabazes.

(...) Gente desce os estrados de madeira, os gritos tornam-se mais fortes, as sardinheiras comprimem-se na borda do mar; fardas da Guarda Fiscal misturam-se aos trajos negros das mulheres, às camisas listadas, à pele quase negra dos pescadores.

.....
O burburinho da praia alonga-se, em baixo estão leiloando peixe e acorre mais gente, as sardinheiras enchem as canastras e começam a subir a rampa de areia. O mar continua calmo como um lago; e céus, terra e água, enchem-se da transparência quente da luz.»

(*Alcateia*, pp. 94-95)

2.2.3. A paisagem

Não são apenas os topónimos literários que identificam explicitamente a Gândara. Nota-se igualmente uma correspondência essencial no que respeita aos elementos da paisagem, a qual se revela não apenas na obra romanesca mas também, com igual intensidade, na obra poética.

Em 1949 (portanto na mesma época em que Carlos de Oliveira publicava os seus primeiros romances) o geógrafo Alfredo Fernandes Martins, descrevendo a paisagem gandaresa, punha em relevo as seguintes características: «a areia branca das dunas, (...) as areias amarelas do plioceno, a massa verde-escura dos pinhais; de permeio, campos de milho e de batatas (...) e, apesar de uma certa tendência aqui e ali para a aglomeração, aparecem sempre casas baixas construídas de adobo» (*Le Centre Litoral...*, p. 48).

São estes mesmos elementos, junto a outros igualmente característicos (as lagoas), que constituem a paisagem literária de Carlos de Oliveira, aqui sem excluir as obras da última fase, incluindo *Finisterra*. Elementos da paisagem

física: «areia», «sílica», «calcáreo», «fósseis», «dunas», «grutas calcárias», «lagoas», «poceirões», «pântanos», «charcos», «pinhais», «vergas», «canaviais», «juncos», «floresta». Mas também elementos da paisagem humana: «aldeolas ermas», «forno de cal», «casas muito baixas de adobo». Vale a pena lembrar algumas passagens para verificar a frequência, a intensidade e a concentração desses elementos significativos:

«Na Gândara há aldeolas ermas, esquecidas entre pinhais, no fim do mundo. (...) Ao fundo dum desses sítios, há uma pequena lagoa que o calor de julho seca. (...) Canaviais mergulham na água (...). O povoado cresce sobre a duna, que há perto de duzentos anos os pinhais começaram a fixar.»

(*Casa na Duna*, pp. 7-9)

«(...) Ermos. Léguas de pinhais, quietos como velhas florestas (...). Campos, nesgas de areal e mato, poceirões. Mais perto, a aldeia deserta, as pedras vivas de calor.»

(*Pequenos Burgueses*, p. 155)

«Lagoas, pântanos, desolação, calcáreo, areia.»

(*O Aprendiz...*, p. 260)

«A primeira zona de areia (...) ocupa o terço inferior da aridez que a janela enquadra. Segue-se uma faixa estreita de gramíneas: a evaporação da lagoa (juncos densamente roxos) submerge-as num tom mais carregado que o da própria água. (...) Na outra margem a linha das dunas reflecte o movimento dessa ondulação (...) e serve de limite ao terço intermédio da paisagem.»

(*Finisterra*, p. 7-8)

Não é difícil encontrar equivalentes na obra poética. Nos poemas de «Gândara» (de *Turismo*) encontra-se igualmente essa paisagem de «pinheiros e campos quietos», de «lagos esverdeados», de «vergas à beira de água», carregada de solidão, de «sol e marasmo», de «silêncio» e «pasma» (*Trabalho Poético*, I, pp. 14-21).

2.2.4. O mundo camponês

É essencialmente camponês o universo ficcional de Carlos de Oliveira. Assim era na realidade o mundo gandarês nos meados do século passado.

Na Gândara de Carlos de Oliveira mal existe indústria; esta só aparece como fenómeno externo de desagregação do velho mundo rural (*Casa na Duna*). É de gente do campo que é feita principalmente a trama da ficção:

senhores da terra, camponeses pobres, trabalhadores rurais, serviçais. Há também o inevitável padre e o médico de aldeia e não faltam igualmente os marginalizados, os que vão tentar ganhar o pão aos campos do Ribatejo ou do Alentejo, bem como os quadrilheiros e os vagabundos. Mas todos eles, ao fim e ao cabo fazem parte do mesmo universo rural.

Ao lado desse mundo camponês – ele mesmo heterogêneo – ergue-se a pequena e média burguesia da vila (os lojistas, os empregados de escritório, o advogado, o médico, o delegado, o dono do armazém). É dentro desses dois universos e entre cada um deles que se tece a complexa conflitolgia pessoal e social da obra, marcada pelas contradições sociais que Carlos de Oliveira se dedica a explorar de acordo com os cânones neo-realistas (a espoliação dos camponeses pobres pelos ricos, a exploração do campo pelas indústrias exteriores, etc.).

Marcam presença também alguns tipos profissionais característicos da Gândara; é o caso dos ourives ambulantes, de feira e mercado, que da região (e sobretudo da zona de Febres), saíam para todo o país (por ex. *Casa na Duna*, p. 41, e *Pequenos Burgueses*, pp. 161 ss.).

Mas continuam a ser os camponeses, a massa dos que fecundam a terra gandraesa e que estrumam os areais («Camponeses ásperos como o areeiro que faziam desabrochar em milho e vinho» – *Uma Abelha na Chuva*, p. 165), que são espoliados e alimentam os senhores da terra, são os camponeses que assumem na obra o grau de primeiros *dramatis personnae* de uma tragédia que vem dos princípios da Gândara. A dimensão poética desta trave-mestra da obra traduz-se em vários poemas («Árvores», de *Terra da Harmonia*, e «Camponeses» de *Pastoral*) e atinge em «Névoa» (*Cantata*) profundidade estranhamente enigmática:

«A morte
em flor
dos camponeses
tão chegados à terra
que são folhas
e ervas de nada
passa no vento
e eu julgo ouvir
ao longe
nos recessos da névoa
os animais feridos
do Início.»

(*Trabalho Poético*, I, p. 160)

Os camponeses não constituem apenas o *povo*, em sentido sócio-ideológico conforme ao código estético e ideológico do neo-realismo; são eles também os povoadores, os *criadores da terra*, os *agentes primordiais*; por eles passa o enigma da *origem*, são eles os condutores da *memória*, sobre eles recai o trágico desenlace dos conflitos sociais e das forças da natureza.

2.2.5. A linguagem e o imaginário populares

Caracteristicamente gandraeses são também algumas peculiaridades da linguagem das personagens de Carlos de Oliveira, bem como muitos dos mitos e fantasias populares referidos nos seus romances ou poemas.

Termos e expressões como, por exemplo, «agulhas» (para designar a caruma do pinheiro), «palheiro» (para designar as casas de madeira das povoações implantadas nas dunas junto ao mar), «picheira» (para designar jarra de vinho), «barroco» (para designar um buraco nos caminhos), «encepar» (no sentido de “tropeçar”), «campar» (no sentido de “fazer bem”, “sair-se bem”) – que se encontram respectivamente em *Alcateia*, p. 87, 94, 159, em *Pequenos Burgueses*, p. 194, e em *Uma Abelha na Chuva*, p. 40, 152-3 – denunciam inequivocamente uma linguagem regional característica.

Do mesmo modo, não é difícil identificar as origens gandraesas dos mitos ou elementos do imaginário popular personificados em certas figuras: o João Santeiro, o capitão de quadrilheiros de *Alcateia* e *Pequenos Burgueses*, mas também o «gandarês torvo» do poema «Assombração» (de *Mãe Pobre*); o «Lobisomem» (da *Casa na Duna*); a «doida da Fonterrada» (*Alcateia*), «a bruxa de Albocaz» (*Casa na Duna*), o «bruxo de Moirões» (*Pequenos Burgueses*). Não faltam igualmente exemplos de artimanhas populares, como aquela «história ouvida na Gândara, perto de Cantanhede, que beliscava particularmente os advogados» (*O Aprendiz...*, p. 141) e que o escritor utilizou em *Alcateia*.

Compreende-se facilmente que numa região de extensos ermos, de caminhos perdidos entre pinhais e poceirões, a imaginação popular seja mais atreita às histórias de lobisomens e de bruxas, ou seja, de tudo aquilo que nomeia as forças ocultas e os medos ancestrais. O recurso a estas formas de imaginação popular não é, aliás, exclusivo dos romances, encontrando expressão também em alguns poemas, como a «Xácara das bruxas dançando» e «Assombração» (ambos de *Mãe Pobre*). Enfim, imaginário popular que constitui essa «voz antiga» que nos faz ouvir «certo rumor inicial tão próximo da terra que traz agarrada ainda a névoa das manhas mais longínquas» (*Ibidem*, p. 165).

3. Paisagem e Povoamento

3.1. O romance da Gândara

A obra de Carlos de Oliveira pode na verdade ser qualificada globalmente como um romance da Gândara. Não apenas porque a Gândara é o palco onde a sua acção se desenvolve e gandareses são as suas personagens; mas também e sobretudo porque toda a obra tem a ver com o mistério da formação desse universo de areia, lagoas e pinhais, do seu povoamento, da sua apropriação, da criação dos homens pela paisagem e da criação da paisagem pelos homens.

«Paisagem e Povoamento» é, de resto, o subtítulo de *Finisterra*, o último romance do escritor (1978). Publicado um quarto de século depois de *Uma Abelha na Chuva* (1953), que encerrou o ciclo dos romances de juventude, e portanto muito distanciado da sua primeira fase romanesca, *Finisterra* não é, todavia, um romance menos «gandarês» do que os anteriores, mesmo se lhe falta um enredo e uma explícita geografia local. Pelo contrário: ele é o último capítulo do grande romance gandarês, a última pedra de um edifício iniciado com *Turismo*, sendo porventura a chave de decifração de toda a obra, desenvolvendo e esclarecendo temas e problemas sempre recorrentes dos livros anteriores: a formação e instabilidade da paisagem; o povoamento, a ocupação e apropriação da terra; finalmente, a obsessão da casa como ponto de ancoragem do homem na paisagem.

Já alguém observou que logo ao primeiro livro (*Turismo*, 1942) «se poderia dar também o subtítulo da última obra publicada» (Manuel Gusmão, *A poesia de Carlos de Oliveira*, p. 27). Na verdade, «paisagem e povoamento» poderia

ser o subtítulo de todos os livros de Carlos de Oliveira, ou, até, porventura, o título do *único romance* que ele escreveu, ora em prosa ora em verso, em vários capítulos e versões –, ou seja, o romance da Gândara, não num sentido regionalista ou folclórico, mas sim no sentido simbólico de romance do homem e da terra. Através da sua reconstituição literária na obra de Carlos de Oliveira a Gândara assume, assim, um significado metafórico, universal, apelando para a representação do enigma da *paisagem povoada*.

3.2. A formação da paisagem

Primeiro houve que formar-se a terra e constituir-se a paisagem: a fixação das dunas de areia iniciais, a secagem das lagoas e pântanos primordiais, a emergência da floresta posterior.

Geologicamente, a Gândara é, em geral, constituída por terrenos arenosos, e, na sua faixa litoral, as areias são relativamente recentes (ainda no início do século passado não estavam cobertas e fixadas pela floresta), decorrentes do recuo do mar e da progressiva drenagem e secagem das lagoas e pântanos. Este processo de formação geológica encontra eco em várias passagens da obra de Carlos de Oliveira.

«O povoado espria-se pela areia enrijecida e acaba mansamente nos bordos do poceirão. (...) *Tempos houve em que o pego foi uma lagoa imensa no areeiro*, tempos em que as ondas rolavam pelas mãos do vento, largando a espuma nas encostas de sílica.»

(*Alcateia*, p. 32)

Mas ao lado deste processo de transformação da terra, toda a obra de Carlos de Oliveira está dominada por uma outra hipótese geológica, segundo a qual abaixo das camadas de areia jazem camadas fósseis de *florestas primitivas* outrora sepultadas. A ideia foi, porventura, bebida na *Monografia da Gafanha* do Pe. João Resende, que, a propósito dessa região ribeirinha da Ria de Aveiro (vizinha e em tantas coisas idêntica à Gândara litoral), descreveu essa «outra» flora «soterrada», constituída por «destroços de uma vegetação muito difusa», de madeiras duras «resistentes ao machado, de fácil e lenta combustão», «encaixadas, isoladas, entre dois lençóis de areia alvíssima». A monografia do Pe. Resende é de 1938 (2ª ed. de 1944), mas ainda em 1978 Carlos de Oliveira aí voltaria (reproduzindo-a «ipsis verbis», dirá na «nota final» de *Finisterra*):

«Em tempos ainda mais recuados uma floresta gigantesca cobriu a região: encontra-se *enterrada* ao nível do mar e abaixo dele.

Árvores de grande altura, *entre dois lençóis de areia branca*. Madeiras fibrosas, duras, de cor geralmente vermelha (...). A combustão destas madeiras (descobertas em escavações de acaso) é lenta e sem chama como a do carvão. Durmo sobre *florestas de pedra e púrpura*. »

(*Finisterra*, p. 57)

Eis aí alguns dos principais tópicos do discurso literário do escritor (*floresta*, *fósseis*, *floresta petrificada*), que afloram em toda a obra, desde o início.

Sepultada essa *paisagem primordial* – através de um processo misterioso – debaixo de um deserto de dunas de areias movendo-se ao sabor dos ventos, só o ingente esforço humano haveria de dar novamente consistência à paisagem. «A colonização das dunas – observa de novo Fernandes Martins – é uma prova de força, pois só um esforço prolongado e perseverante terá podido vencer dificuldades tão numerosas e tão graves» (*Ob. cit.*, pp. 45-6). É por isso que a nova paisagem é produto do povoamento. Foram os homens que *constituíram* a terra actual. Esse processo pode, aliás, ser datado.

«O povoado cresce sobre a duna que há perto de duzentos anos os pinhais começaram a fixar.»

(*Casa na Duna*, p. 9)

3.3. O povoamento

Com efeito, o povoamento da Gândara é, em geral, relativamente recente, tendo-se desenvolvido provavelmente apenas após o séc. XVII. Jorge Dias, F. Galhano e E. Veiga de Oliveira referem a «imensa solidão que ali deve ter reinado antes da descoberta da América, quando o milho e a batata eram desconhecidos entre nós e por conseguinte esta região era um vasto deserto improdutivo e sem recursos» (*A Região Gandaresa*, p. 419). Do mesmo modo, Jorge Gaspar, depois de afirmar que o «surto colonizador destas areias, que deve estar ligado à difusão do milho grosso, só ter começado no séc. XVII», conclui que «foi um trabalho de séculos que transformou estas magras areias», acrescentando que, «se há regiões onde se pode falar num enriquecimento do solo por acumulação do trabalho humano, a Gândara e a Gafanha, que a continua para norte, estão bem dentro deste caso» (*Ob. cit.*, p. 312).

É o enigma da transformação desse «vasto deserto improdutivo» de areias em terras produtivas que emerge frequentemente na obra de Carlos de Oliveira. Ele vem desde os primeiros livros:

«Mas tanto pôde a vontade humana que a gândara foi desvirgada, os areais plantados e o pântano seco pouco a pouco. Luas e luas alumiarão essa luta, amarelas de febre e vermelhas de sangue.»

(*Alcateia*, p. 33)

No princípio a paisagem de areia era deserta:

«Na paisagem (...) não havia ninguém.»

(*Finisterra*, p. 12)

Foram os camponeses que povoaram as dunas, numa lenta e penosa labuta:

«(...) descubro algumas notas sobre o *povoamento* (junto ao mar) (...): povoações temporárias nos espedes de pinho (...); açudagem com cúmulos de terra e plantas (...); espargimento: orvalho artificial nas culturas ávidas; areia *pouco a pouco arável*.»

(*Finisterra*, p. 19)

É uma luta que não respeita apenas aos vivos:

«Gerações e gerações de camponeses falavam, no seu silêncio, duma *luta velha contra a terra*, luta que continuava ainda até os ossos serem pó e os mortos se terem esvaído para sempre na memória dos vivos.»

(*Alcateia*, p. 253)

Mas o estabelecimento é sempre precário, as dunas sempre instáveis, a fixação sempre efémera. E daí que o esforço do homem seja permanente, sujeito a constante insegurança. O tema da *instabilidade*, da *brevidade*, do *efémero* assoma frequentemente:

«Brevidade. Casas construídas com adobos, que duram sensivelmente o que dura uma vida humana. (...) A própria terra é passageira: dunas modeladas, desfeitas pelo vento.»

(*O Aprendiz...*, p. 264-5)

«O litoral instável sob os nossos pés; as dunas prontas a mover-se; basta um golpe de vento.»

(*Finisterra*, p. 20)

São os homens, são os camponeses que fixam a instabilidade, que consolidam o efémero, enfim, *que criam a terra*. A terra é uma criação do trabalho:

«Mas vejo outras coisas diferentes: homens que chegam ao deserto; meia dúzia de alfaias (e, quem sabe, meia dúzia de reses); cabanas desabrigadas; *criação vagarosa da terra*. Porque eles criaram-na, depois de Deus, e a lei (até hoje) não o menciona.»

(*Finisterra*, p. 113)

É no quadro desta longa e morosa luta pela criação da terra na solidão gandaresa que tem de compreender-se o carácter das personagens da ficção de Carlos de Oliveira, vistas geralmente numa perspectiva tragicamente desolada, irremissivelmente solitária.

3.4. Os fornos de cal

A cal e os fornos da cal, bem como os elementos conexos (calcáreo), estão entre as mais recorrentes referências gandaresas da obra de Carlos de Oliveira, não somente como elemento essencial da paisagem e da economia gandaresa, mas também como expressão do povoamento e da fixação permanente sobre a paisagem de areia e pinhais.

De facto, até ao advento e vulgarização do tijolo e do cimento como materiais de construção, a cal era um elemento essencial de edificação numa região onde escasseava a pedra (salvo alguns afloramentos justamente de calcáreo, de cuja cozedura se faz o cal). A cal servia de cimento à argamassa de areia grossa dos adobos, que, uma vez moldados em formas de madeira, eram secos ao sol; constituía o ligamento dos próprios adobos na edificação e revestimento de muros e paredes; e servia ainda de material de caiação de habitações contra a chuva e a humidade.

Por isso, os fornos de cal faziam parte integrante do panorama bandarês, restando ainda hoje as ruínas de muitos deles. Em meados do século passado encontravam-se por todo o lado, inclusive à entrada de Cantanhede, do lado sul, junto ao caminho de ferro, como não deixou de registar Carlos de Oliveira na *Casa na Duna*:

«A morrinha aperta, Mariano Paulo incita a égua; para nada; as cancelas da passagem de nível estão fechadas. Aconchega a manta aos joelhos e espera que o comboio passe. No crepúsculo o trabalho dos fornos continua. Nuvens de fumo

branco bóiam junto ao chão como o nevoeiro baixo; o vento empurra-as sobre a vila; as chaminés deitam mais fumo; Mariano Paulo começa a respirar mal.»
(*Casa na Duna*, p. 74)

Nessa obra a presença dos fornos de cal é, aliás, determinante:

«Os fornos da cal erguem-se, em pedra nua, ao começo da várzea. Ao lado, ficam os telheiros espaçosos, onde se acama a lenha e o pessoal dorme nos intervalos das fornadas. Abafa-se no verão; no resto do ano corre por ali um vento resinoso e salgado.»

(*Casa na Duna*, p. 74)

«Pouco depois estava nos fornos. Os homens oscilavam sobre as chamas, alongando, retraíndo os braços carregados de lenha, e o fogo recortava os movimentos, as figuras toscas. Garotos corriam aos telheiros, gemiam sob os toros de madeira. Soavam ordens breves, roucas. A pedra ardia, o calor fracturava-a. Era a cal que segurava as paredes das casas novas, dos armazéns, das vivendas, da vila inteira que crescia.

A fumarada fazia tossir, o suor escorria nas caras grisalhas. Os fornos trabalhavam espalhando sobre a estrada uma mancha de luz. De calcário queimado.»

(*Casa na Duna*, p. 78)

O forno da cal aparece frequentemente utilizado como imagem do calor que marca os estios gandraeses:

«O verão ardia como um forno de cal.»

(*Casa na Duna*, p. 18)

«Este junho que lembra um forno de cal na gândara, ao meio dia.»

(*O Aprendiz...*, p. 86)

3.5. A casa

A casa é talvez a mais densa das obsessões de Carlos de Oliveira. Símbolo porventura do povoamento consolidado sobre a paisagem instável, a casa é também *memória da infância* (a casa familiar) e está incindivelmente ligada ao tema do *regresso*, tema cuja ocorrência não é menos frequente.

Na ausência de pedra, a casa gandraesa, feita de adobe, é, por natureza, frágil e efémera, sujeita a processos de rápida degradação pelos ventos e pela humidade. Tão instável como as dunas em que assenta. Jorge Gaspar analisa bem este tema. Depois de observar que nas regiões onde domina o adobe



Forno da cal – vista superior
(Colecção particular de Vital Moreira)



Casa gandraesa
(Colecção particular de Vital Moreira)

perdem-se rapidamente as «raízes históricas da paisagem» e que «as gerações que se sucedem vão apagando os traços das anteriores», conclui que «apenas a terra (...) testemunha a passagem do homem» e que o homem deve à terra até as «paredes da sua própria casa, cuja duração é efémera» (*Feiras de gado...*, 24-5).

Essa consciência da precariedade da casa aflora várias vezes nas preocupações do escritor. Por exemplo, no poema em prosa «Desenho infantil»:

«Os camponeses esses (...) servem-se do pinho, dos adobes (materiais percíveis), erguem casas na lama (...).

(«Sobre o lado esquerdo», *Trabalho Poético*, II, p. 12)

O tema da *destruição da casa* pode assumir uma versão espectacular, na destruição pelo fogo (*Casa na Duna*). Mas é a destruição lenta e secreta, o apodrecimento e a degenerescência inexoráveis, que adquirem um sentido arquetípico em Carlos de Oliveira. No poema «Casa», de *Sobre o Lado Esquerdo*, o poeta refere-se a uma

«(...) casa que também adoecia
ao contágio da lama
e enfim morria
nos alicerces como numa cama»

(*Trabalho Poético*, II, p. 15)

Na *nota final de Finisterra* – «nota» a tantos títulos decisiva para o entendimento da obra – o escritor «lembra-se ainda doutra (sua) casa destruída»: sem dúvida a casa gandaresa da infância, a «casa de meu avô, hoje destruída, para que a infância (como lhe compete) habite pouco mais que a memória» (*O Aprendiz...*, p. 103). Tal como a sua personagem, também o autor não encontrou a «fórmula» «a tempo de salvar esta casa» (*Finisterra*, p. 147).

Só ficou a memória dela. A memória da Gândara. A memória da criação da terra e dos homens que, vencendo a desolação e enfrentando a solidão, a povoaram, e nela trabalham, sofrem, conflituam e morrem.

Bibliografia citada

I. Obras de Carlos de Oliveira utilizadas

- Casa na Duna* – 4ª ed., Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1970.
Alcateia – 1ª ed., Coimbra Editora, 1944.
Pequenos Burgueses – 4ª ed., revista, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1972.
Uma Abelha na Chuva – 4ª ed., revista, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1969.
Finisterra – 1ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
O Aprendiz de Feiticeiro – 2ª edição, Lisboa, Seara Nova, 1973.
Trabalho poético, I e II – 1ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, s/d [1976].

II. Sobre a Gândara

- A. FERNANDES MARTINS, *Le Centre Litoral et le Massif Calcaire d'Estremadura (Livre-Guide de l'excursion B)*, Lisboa, 1949, pp. 44-52.
A. AMORIM GIRÃO, *Esboço duma Carta Regional de Portugal*, 2ª ed., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933, pp. 77 e 81-2.
A. AMORIM GIRÃO, «Gândara». in *Guia de Portugal*, III vol., Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1945, pp. 115-122.
FERNANDA DELGADO CRAVIDÃO, *A População e o Povoamento da Gândara*, Coimbra, CCRC, 1988.
G. SOARES DE CARVALHO. *Areias da Gândara*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1964. [Separata de *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, XLVI (IV).]

- J. LEITE DE VASCONCELOS, *Etnografia Portuguesa*, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1980, pp. 334-338.
- JORGE DIAS, F. GALHANO e F. VEIGA DE OLIVEIRA, *A Região e a Casa Gandraesa*, Porto, 1959 [Separata do vol. XVII dos *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*]
- JORGE GASPAR, *Feiras de Gado na Beira Litoral*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 1970, pp. 30-32.

III. Outras obras mencionadas

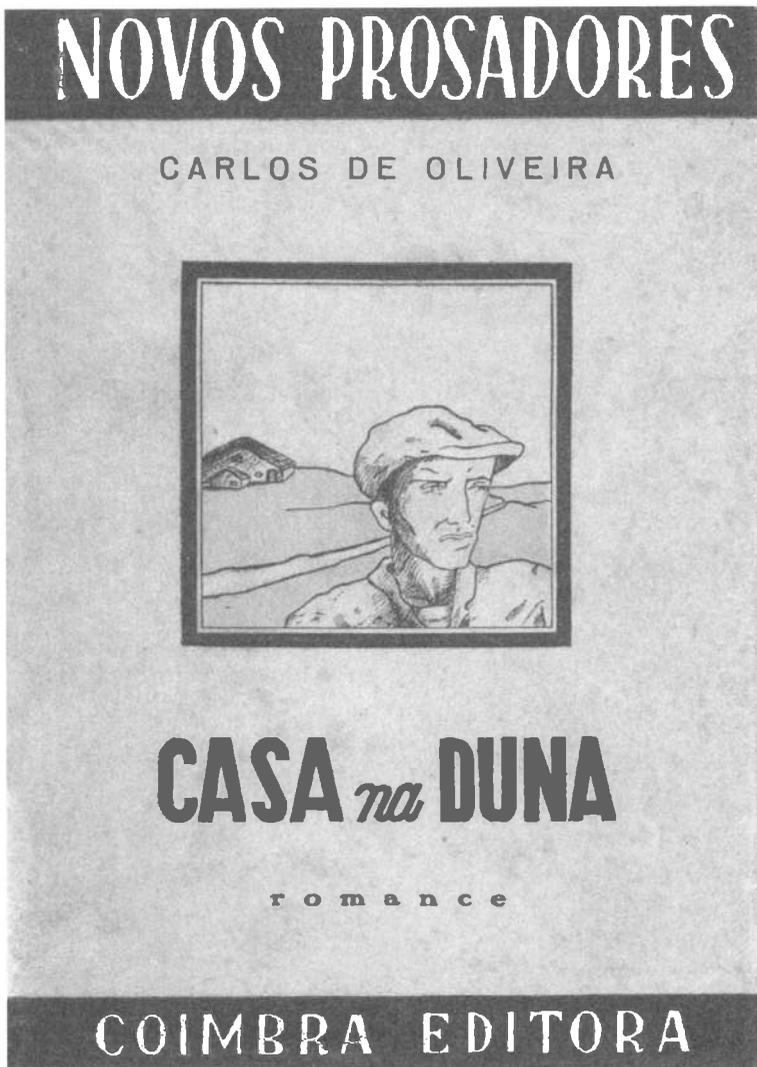
- ALEXANDRE PINHEIRO TORRES, «A tetralogia da Gândara de Carlos de Oliveira» in *Romance: o Mundo em Equação*, Lisboa, Portugália Editora, 1967, pp. 249-265.
- Pe. JOÃO VIEIRA RESENDE, *Monografia da Gafanha*, 2^a ed., Coimbra, 1945.
- MANUEL GUSMÃO, *A poesia de Carlos de Oliveira*, Lisboa, Seara Nova, Comunicação, 1981.
- VITORINO NEMÉSIO, «Dunas de Mira», em *Viagens ao pé da porta*, Lisboa, Edições Pórtico (1968?).

Antologia

«Escrever é lavrar (...). Tanta colheita perdida na literatura e eu que o diga nesta linguagem de vocábulos pesados como enxadas, na voz lenta, difícil, entrecortada de silêncios, que os cavadores e os mendigos me ensinaram lá para trás no alvor da infância (...).»

(*O Aprendiz de Feiticeiro*, «A dádiva suprema»)





Casa na Duna, Carlos de Oliveira, 1ª ed., Coimbra: Coimbra Editora,
1943, Novos Prosadores, 2

Casa na Duna

(1ª edição, 1948; 4ª edição, revista, 1970)

1. A lagoa e a duna

Na gândara há aldeolas ermas, esquecidas entre pinhais, no fim do mundo. Nelas vivem homens semeando e colhendo, quando o estio poupa as espigas e o inverno não desaba em chuva e lama. Porque então são ramagens torcidas, barrancos, solidão, naquelas terras pobres.

Ao fundo dum desses sítios, há uma pequena lagoa que o calor de julho seca.

A aldeia chama-se Corrocovo e a lagoa é um poço grande. Quando a água se escoa, o fundo gretado está coberto de bunho. As mulheres ceifam-no, estendem-no ao sol, e entrançam esteiras que vão vender às feiras da vila de Corgos.

Mariano Paulo, o filho e os amigos caçam ali os patos bravos, quando o outono os leva de passagem para as terras quentes do sul.

O charco espalha sezões nos casebres à borda de água e agasalha as aves para os senhores da aldeia derrubarem a tiro.

O Dr. Seabra e o Guimarães vêm de Corgos, a convite de Mariano Paulo. São os únicos amigos que conservou na vila. Os outros foram rareando, desaparecendo pouco a pouco, desde que D. Conceição e o velho Paulo morreram. Sumiu-se a antiga alegria do casarão de Corrocovo, o ruído dos serões, com a gente de Corgos a encher as salas. A desgraça desceu sobre a vida de Mariano Paulo e os amigos deixaram de aparecer, a casa ficou silenciosa.

Só o Dr. Seabra e o Guimarães continuaram fiéis. No outono aparecem de espingarda ao ombro, passam a tarde no casarão e pelo anoitecer metem-se na lagoa.

Canaviais mergulham na água, as enguias revolvem o lodo, sapos e rãs enchem o crepúsculo duma toada constante. Os caçadores ficam de lama até ao joelho, metidos nas suas botas de cano. Tiros. Um restolho aflito de asas.

Mudam de roupa na cabana de Lobisomem e partem com os patos a sangrar nas bolsas de lona. Lobisomem segue-os até à porta, de corpanzil vergado e uma das pernas a arrastar no chão nu da cabana.

Da lagoa vem um cheiro de água que apodrece. Lobisomem senta-se a acariciar a plumagem do pato que os caçadores lhe deram, corre-lhe os dedos vagarosos nas asas macias, sorri misteriosamente como as crianças.

O povoado cresce sobre a duna que há perto de duzentos anos os pinhais começaram a fixar. No alto, a descer para o poente, fica a quinta de Mariano Paulo. A casa tem dois pisos e é ampla e velha. Uma larga alpendrada resguarda-lhe as janelas da chuva e das nortadas. A telha é antiga, canelada, e o tempo enegreceu a caiação. A quinta desdobra-se em leiras de pinhal, de vinha e milho, pela gândara dentro.

[Cap. I]

2. A feira

Os Paulos, um após outro, tinham conseguido alargar a quinta, leira sobre leira, num tempo em que os camponeses trocavam a terra a canecas de vinho.

Corrocovo via a fazenda acumular-se, a quinta alastrar sobre os pequenos campos vizinhos. Os homens entregavam a terra vendida e começavam a cavá-la por conta alheia, ganhando a jorna certa dos patrões. Era mais seguro que o rendimento duvidoso duma nesga de chão, sujeito à razia das chuvas e do sol.

A quinta cresceu, abocanhando tudo: pinhal, searas e poisios. O velho Paulo concertou o casarão, pôs-lhe vigamentos firmes e assentou um andar novo sobre as paredes térreas. Trouxe amigos da vila e, aos domingos, o povo ficava cá em baixo a olhar as janelas iluminadas pela noite fora. Vinham as famílias dos comerciantes de Corgos, do Dr. Juiz, do Guimarães, do Pina. Aparecia de vez em quando o Dr. Seabra, um médico novo e folgazão. Mariano Paulo simpatizou com ele e fizeram-se amigos.

Saíam em grandes estúrdias à cidade, usando e abusando de mulheres, vinho do Porto e jogo. Corriam as feiras e os arraiais da gândara, com meia dúzia de jornaleiros valentes, beliscando as raparigas, armando zaragatas, comendo o leitão assado sob as latadas das tabernas.

.....
Entretanto, continuavam a sair pelas feiras. Dias grandes, com o gado a mugir e a levantar a espessa poeira dos largos; as moças em ranchos; o sol de

chapa nas barracas, nas reses, nas pessoas; a sede a apertar e o vinho fresco ao fundo das tabernas.

Tinham ido a S. Caetano a pé, encurtando o caminho através do mato. O verão ardia como um forno de cal. A feira estava no auge; respirava-se a custo; era a força do dia.

O Dr. Seabra viu a rapariga da blusa encarnada com os bois pela sogá:

– É preciso cuidado. Os bichos gostam de marrar no vermelho.

E foi estendendo a mão:

– A blusa é de seda? Pode-se apalpar?

A rapariga nem pestanejou:

– Apalpe a que o pariu.

– Que diabo. Só queria apalpar a blusa. O rapaz moreno que estava ao lado, descascando uma vergasta com a navalha, aproximou-se. Mariano Paulo preveniu:

– Lume no olho, doutor. Esse fulano aciganado, ao pé de si.

E voltou-se para trás. Os homens que tinham trazido de Corrocovo ali estavam, de cacetes na mão, decididos a tudo. Bebiam e comiam o que Mariano Paulo lhes pagava.

Depois, o ódio entre as aldeias também pesa nestes casos. Não pensariam duas vezes para entrar em acção. No entanto, Mariano contou-os e segredou ao amigo:

– Somos oito. É melhor ir andando.

– Está bem, mas devagar.

Cada vez mais gente à volta deles. O rapaz moreno atirara a vergasta fora e afagava a lâmina da navalha. Um homem baixo, aos gritos, explicava a questão:

– É essa corja de fidalgos a implicar com a rapariga.

O Dr. Seabra, Mariano e os seus homens iam retirando por entre o povo. O rapaz moreno seguia-os passo a passo. Havia enxadas no ar, insultos, punhos ameaçadores. Mariano Paulo gritou:

– Abrir alas, quem tem amor à pele.

O rapaz moreno decidiu-se e a navalha relampejou. O Dr. Seabra esquivou o golpe e o rapaz caiu no meio dos caceteiros de Corrocovo. O povo lançou-se no tumulto, às cegas. Homens de cabeça rachada saíam a limpar o sangue dos olhos e atiravam-se outra vez ao barulho.

Então, o gado espantou-se e começou a varrer a feira de lado a lado. Os bois investiam desfazendo ajuntamentos, dismantelando as barracas, colhendo a multidão a torto e a direito, e foi preciso abandonar uma luta por outra: dominar os bichos pelos cornos, pôr um pouco de ordem na feira. Mariano Paulo,

o Dr. Seabra e a gente de Corrocovo aproveitaram para se escapar na direcção dos pinhais sem feridos de monta.

Mas no largo o rapaz moreno ficara estendido, meio morto. Escorria-lhe o sangue duma larga brecha na cabeça e tinha os dois braços partidos.

[Cap. II]

3. O inverno

A chuva, em grossas bâtegas, derreava o telhado. Firmino consertava os rombos por onde o inverno entrava, mas a água e o vento tornavam a abri-los, ainda maiores.

A lagoa crescera um metro sobre o bunho e invadia, às golfadas, os casebres de Corrocovo. Corrocovo era isto: tocas sem lume, devassadas pelo temporal; crianças quase mortas de frio; os campos alagados; o céu tão baixo que parecia poisado na rama dos pinheiros; chuva, cada vez mais chuva.

O Natal passou; Jesus nasceu por aquele tempo desabrido; e o dilúvio continuou a cair.

O velho Paulo, por trás da vidraça, olhava a quinta. Via a terra fartar-se de água, ganhar força para rebentar na primavera. A chuva descia pelo chão permeável, revolveria a areia até encontrar uma camada mais densa que a fizesse parar e ali ficaria à espera das raízes ávidas que a procuravam. O velho Paulo agradecia a Deus aquela água que era o sangue a correr no corpo das suas terras. Os camponeses ansiavam pelo dia descoberto em que pudessem retomar o trabalho na quinta.

.....

O Dr. Seabra apontava a aldeia a escorregar pela duna, a mergulhar lá em baixo na lagoa:

– Esses vêem as coisas doutro modo. Poucos têm terras. O inverno, para eles, é a falta de trabalho e a falta de trabalho é a fome, a doença. Para não falar das casas encharcadas, das crianças mortas.

.....

O inverno durou ainda um mês. Abril trouxe, por fim, os dias claros. As serras apareciam ao longe tocadas duma cor de pérola, a primavera explodia nas árvores nuas com a força dum toiro, as aves rasgavam o ar das manhãs. Os trabalhadores começaram a cavar o chão da quinta, a lançar de novo as sementes à terra dos Paulos.

E ao ritmo desses gestos lentos e antigos os anos foram passando sobre Corrocovo.

[Cap. IV]

4. O forno da cal

Mariano Paulo aceitou a sugestão do Guimarães, passados dias. Jantou cedo e mandou aparelhar a charrete. Dispensou Firmino, ele próprio guiaria; era uma distração para a légua bem puxada da viagem. Mandou subir a capota, enrolou a manta de xadrez nas pernas. O céu escurecera. A chuvada podia estalar dum momento para o outro.

Levou os primeiros quilómetros a pensar no negócio com o Guimarães. Atravessava a várzea quando principiou a morrinhar. A várzea é um pequeno vale, onde uma ribeira secou há dezenas de anos; existe ainda um pontão desmantelado, a indicar que a água corria por ali; a vegetação degenerou num restolho pardo; a ribeira cobriu-se duma cõdea de lama e secou entre os silvedos das margens. Os fornos da cal erguem-se, em pedra nua, ao começo da várzea. Ao lado, ficam os telheiros espaçosos, onde se acama a lenha e o pessoal dorme nos intervalos das fornadas. Abafa-se no verão; no resto do ano corre por ali um vento resinoso e salgado. Quando chegam as chuvas fortes de janeiro, ao fundo da ravina cresce um charco de lodo e o velho pontão torna-se uma coisa útil.

A morrinha aperta, Mariano Paulo incita a égua; para nada; as cancelas da passagem de nível estão fechadas. Aconchega a manta aos joelhos e espera que o comboio passe. No crepúsculo o trabalho dos fornos continua. Nuvens de fumo branco bóiam junto ao chão como o nevoeiro baixo; o vento empurra-as sobre a vila; as chaminés deitam mais fumo; Mariano Paulo começa a respirar mal.

Encontra o Guimarães no café, numa roda de amigos. Vão para um canto retirado e entram no assunto sem rodeios. O Guimarães expõe a situação:

– Ou me torno dono de toda a cal ou não quero nenhuma. Os dos fornos pequenos vendem. De resto, a concorrência daí é nula. A questão é o Neves gordo. O do armazém. Não cede.

Despediram-se à porta do café. A chuva miúda continuava a cair. Os candeeiros da praça de Corgos vacilavam na névoa e no fumo dos fornos. O Guimarães levantou a gola do sobretudo, calçou as luvas de malha; Mariano Paulo subiu para a charrete e gritou ao amigo que se afastava na rua molhada:

– Que tempo este. E não se esqueça, amanhã, às duas, no notário.

Não comprara os fornos mas tinha o Guimarães na mão. Os prazos da hipoteca eram curtos. Onde iria o outro desencantar o dinheiro a tempo e horas? Abençoado Neves que estava a liquidar de tal maneira um concorrente.

Soltou a égua a trote largo. Pouco depois estava nos fornos. Os homens oscilavam sobre as chamas, alongando, retraindo os braços carregados de lenha, e o fogo recortava os movimentos, as figuras toscas. Garotos corriam aos telheiros, gemiam sob os toros de madeira. Soavam ordens breves, roucas. A pedra ardia, o calor fracturava-a. Era a cal que segurava as paredes das casas novas, dos armazéns, das vivendas, da vila inteira que crescia.

A fumarada fazia tossir, o suor escorria nas caras grisalhas. Os fornos trabalhavam espalhando sobre a estrada uma mancha de luz. De calcário queimado.

Mariano Paulo chicoteou a égua e atirou-se à escuridão.

[Cap. XIII]

5. O lobisomem

Firmino surgiu no casarão com a notícia. Andava um homem estranho pelos matos, um homem de enorme barba branca, que dormia entre a urze e apedrejava os caminhantes. Alto, forte, coberto de trapos, com a cabeça de neve, a barba pela cintura. Correria sobre a Joana Fardoeira, e os olhos sulfurosos coruscavam como os dum demónio. Corrocovo ouviu a Fardoeira com desconfiança e duvidou. A raça dos lobisomens tinha acabado. Mas a mulher garantia, benzia-se, jurava, e até os mais cépticos hesitaram. Coisas do outro mundo. Sabe-se lá ao certo.

Hilário recordava as noites que passara a cismar em histórias daquelas. Noites chuvosas; histórias remotas, com almas penadas, lobisomens, bruxedos, de que já só a recordação e o mistério distante pesavam na alma. E agora estava talvez a repetir-se uma dessas turvas narrações que vinham de longe, dos começos do povo.

Mariano Paulo não deu grande importância ao caso. Preocupava-o demais o negócio com o Guimarães. A salvação da quinta podia ser a cal. Seria, tinha a certeza, se os fornos lhe viessem parar as mãos.

O Dr. Seabra aparecia, trazendo às vezes o Guimarães. Ficavam a conversar sob as ramagens da nogueira, a fumar, a beber o vinho da quinta. Discutiam o caso do homem que vagueava para lá dos pinhais, no coração do mato. Mariano Paulo confessava que não tinha uma opinião segura.

O Dr. Seabra falava de leprosos, doidos, pobres esfomeados, refugiando-se na gândara, à beira dum povoado, onde há quintais, adegas, celeiros, para assaltar de noite. O Guimarães rejeitava também qualquer forma de credence e sugeria:

– Talvez um evadido. Todos os dias lemos nos jornais fugas de criminosos.

O Dr. Seabra interrompia-o, convencido de que o outro falava por falar, que no fundo tendia para uma explicação sobrenatural:

– É possível. Mas doido, esfomeado ou criminoso, temos de concordar nisto: é miséria. Daqui não se pode fugir.

.....

O dia chegara já ao poente, o sino da capela tangia ave-marias e os cavadores largavam o trabalho.

Quando desceu para jantar, Mariano Paulo encontrou Firmino e Maria dos Anjos a falar da aparição dos matos. Afinal, a Fardoeira não mentira. Um moço que ia para S. Caetano fora apanhado pelo velho e viera contar factos extraordinários. A barba branca do homem estava manchada de sangue fresco. O solitário matava coelhos à cajadada e comia-lhes a carne crua. No chão arenoso dos matos não existe uma poça de água e aquele cão danado bebia o próprio mijo. Santo Deus. As mulheres recusavam-se a sair à lenha. A figura do alma penada, a sua força descomunal, tornara-se um pesadelo.

Vivia-se nisto, quando um novo caso decidiu a aldeia a intervir. O nojento tentara violar uma rapariga que vinha do moinho do Perboi trazer a farinha a Corrocovo, e ela falava com terror dos dentes aguçados do bruto, dos olhos acesos como brasas, do cheiro imundo que largava, da maneira como desatara a cilha e espantara o burro, enquanto os sacos rebentavam no chão, espalhando a farinha sobre os espinheiros. Salvava-a um desmaio do velho, que ficou por terra a espernear

Corrocovo não pôde mais. Nem que fosse o diabo em carne e cornos. Armou-se de enxadas, varapaus, marmeleiros, e bateu os matos, devassou a gândara, esquadrinhando as tocas, praguejando ao bicho malcheiroso que devorava animais crus, caçando o homem guedelhudo, possesso, como se caça um lobo.

Mas a fera sumira-se. Havia apenas rastos dela: peles sangrentas de coelhos, tripas cobertas de mosquedo. E pouco mais.

[Cap. XVII]

6. A estrada nova

Foi então que a grande estrada que descia da vila começou a aproximar-se de Corrocovo, a abrir-se por entre o mato, a deitar pinhais inteiros ao chão.

Apareceu em frente da aldeia o piso certo de saibro e pedra. E a multidão de britadores, homens de picaretas, pás, enxadas, com a ajuda dos cilindros enormes, enfiou a estrada ao meio do lugar.

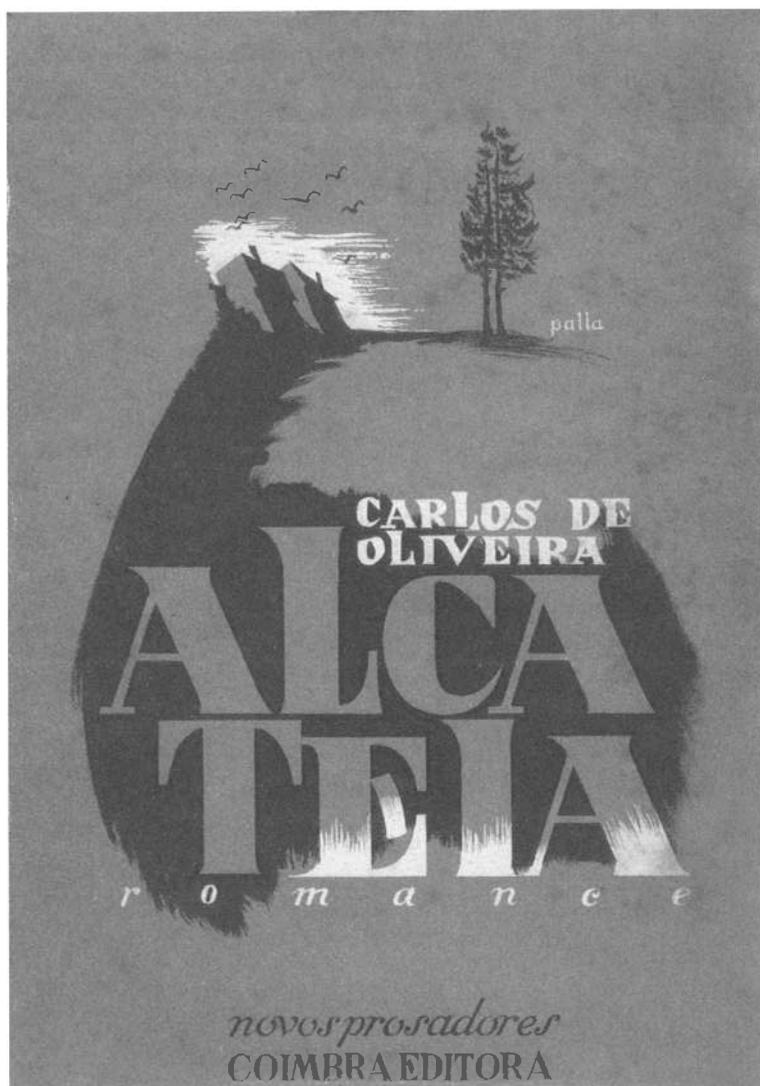
Negociantes, porqueiros, carros de milho, fruta, couve, gados e celeiros, passavam agora em Corrocovó, na estrada nova, para as feiras da vila. Gente de léguas em redor subia e descia com a riqueza da gândara nas manhãs e anoiteceres de feira.

E a gatunagem apareceu na embocadura das azinhagas, a assaltar e a espancar negociantes, a tresmalhar o gado. Abriam os taipais dos carros, enxotavam os bois, os cavalos, e os sacos soltos caíam no caminho. Vinha a guarda de Corgos, fazia rusgas, metia parte da escumalha na cadeia da vila. Mas Corrocovó só entrou na ordem com o tiroteio do Albocaz. Os homens fardados atiraram nessa noite a matar sobre a quadrilha surpreendida e cercada. Os homens de Corrocovó defenderam-se à pedra, a cacete, e foram mortos, feridos, aprisionados, quando a lua rompeu por trás das nuvens. Estavam em campo raso, sem abrigo e sem armas. O luar fizera dos seus vultos o alvo seguro das carabinas.

A estrada continuou a rolar pela gândara. De lugarejo a lugarejo, as distâncias ficavam mais curtas. A exploração ia começar a fundo. Os armazéns, o comércio de Corgos e, através deles, os grandes negociantes e industriais das cidades, lançavam pela estrada nova as furgonetas, os camiões de carga. O que antes se fazia a custo era agora uma expansão fácil. A vila comia Corrocovó com comodidade: a comodidade dos motores e dos pneumáticos de importação. Uma gigantesca engrenagem de interesses invadia duma vez para sempre o areeiro dos camponeses; Ford, Rockefeller, Shell, Renault, equipavam Corgos para aquela marcha; e Corgos, na companhia da gente poderosa doutras regiões, assentava os pés com segurança na gândara indefesa.

A fábrica de Mariano Paulo estava condenada. O restrito mercado que tinha fora devassado. Às aldeolas ermas, onde a telha de Corrocovó se vendia, chegava a concorrência das grandes indústrias. As fábricas da Pampilhosa punham a telha nos povoados obscuros mais barata que a do forno da quinta. Tomados em conta os lucros dos revendedores, as despesas de transporte, ficava ainda margem para uma guerra de preços. Mariano Paulo não podia aguentar o desafio. A pequena indústria ia ser desmantelada e, conseguido isso, a empresa mais forte ficava sozinha em campo. A subida de custo far-se-ia, depois, livremente.

[Cap. XXVI]



Alcateia, Carlos de Oliveira, 1ª ed., Coimbra: Coimbra Editora, 1944, Novos Prosadores, 7, Capa de Victor Palla, ed. apreendida pela PIDE

Alcateia

(1ª edição, 1944; 2ª ed. corrigida, 1945; não voltou a ser publicado)^(*)

1. A aldeia de S. Caetano

A noite estende-se a seus pés, as estrelas brilham e correm no céu. Leandro atravessa a gândara enluarada e silenciosa, caminha sempre. Até que, pelo meio da noite, se encontra diante de S. Caetano.

O povoado espraia-se pela areia enrijecida e acaba mansamente nos bordos do poceirão. Fica assente em terra chã e mesmo assim, pequeno, sujo e pobre, custou o suor de uma grande cidade. Tempos houve em que o pego foi uma lagoa imensa no areeiro, tempos em que as ondas rolavam pelas mãos do vento, largando a espuma nas encostas de sílica. As flores marinhas ficavam a secar ao sol, os patos passavam sobre elas como senhores orgulhosos. Se bem que houvesse maior poder que o daquelas aves brancas abalando nas manhãs de névoa para o sul. Bandos de mosquitos, milhões e milhões, batiam as asas transparentes na água, voavam longe na solidão das urzes rasteiras. Eram eles verdadeiramente os reis desses feudos palustres. Nuvens zumbidoras erguendo-se das margens, enxameando os céus, voando de crepúsculo a crepúsculo na planura rasa e despovoada.

Mais tarde, quando os homens se embrenharam naqueles ermos, foram eles que defenderam a castidade da terra, acometendo-os de paludismo, de febres, de maleitas sem cura. Mas tanto pôde a vontade humana que a gândara foi desvirgada, os areais plantados e o pântano seco a pouco e pouco. Luas e luas alumiarão essa luta, amarelas de febre e vermelhas de sangue. Os pinhais cresciam, as raízes impiedosas ganhavam o coração das águas, escoavam o domínio negro dos mosquitos. E os mosquitos cederam.

^(*) Utiliza-se aqui o texto da 1ª edição.

Hoje, resta um pequeno charco quase morto, poceirão emparedado de pinheiros onde o vento mal chega. O povoado rola pelo chão raso e suspende-se ali, sobre os juncos apodrecidos à deriva, as plantas aquáticas e a lama fermentada. Restos do estrume da lagoa que adubou em redor doze léguas de terra.

Ficou aquele povo à borda de água, os olhos bebendo o mistério e a solidão do pego. Erram ao redor uma presença de tempo sem fim e uma vaga saudade das ondas remotas levando ao bico dos patos e à encosta das dunas, as grandes flores marinhas. Nas noites de luar cheio as rãs acordam a alma morta da planície, alma de pioneiros lutando juntos para vencer a terra, matando-se entre si na partilha da terra vencida. Gente que ganhou os matos e ali ficou, enquanto os matos se fechavam atrás de si, separando-os do mundo. Quando o vento solta a invernia sobre as aldeias, há bruxas e lobisomens perdidos no caminho da noite. Sucede que os cães se põem a uivar, logo um caminheiro sente a alma apertada, uma coruja velha pia e a morte passa silenciosamente sobre as ramadas sacudidas: – Santo Deus, que me perco!

A aldeia de S. Caetano fica à beira de água como a Várzea, Corrocovo ou o Covão. As águas do seu charco são quedas e verdes, apenas estremecem quando um sapo se despenha dos calhaus. Abre-se então um olho negro naquele lodo, o bicho some-se e círculos espessos alongam-se à flor do pântano.

Leandro fica a olhar por momentos o povoado envolto numa quietude triste e sente-se moído da longa correria através de barrancos e de pinhais. Depois, rodeia o casario e vai acoitar-se numa das cabanas de caça, perto do poceirão. São tocas onde mal cabe um homem, quatro estacas baixas, cobertas de caruma, ramos e palha. Os caçadores esperam ali os patos, na primavera e no outono. As cabanas estão agora desmanteladas e desertas. Leandro atira-se para dentro de uma e deixa-se cair sobre a camada mole de folhedo.

[Cap. II]

2. A vila de Corgos

Corgos é uma vila que cresce. Os armazéns medram, os comerciantes enriquecem e os prédios novos vão surgindo. A Câmara inaugurou um parque onde os amanuenses, as moças casadoiras e ricas, os empregados de comércio, as costureiras, se cruzam nas tardes de domingo. Os comboios descarregam na estação vagões inteiros de mercadoria, os negociantes compram o milho e o vinho da gândara, exportam-no; os fornos de cal multiplicam-se à beira do caminho de ferro, os advogados enriquecem explorando as partilhas de terra,

as compras, as vendas, as trocas de leiras, as questões de marcos e de extremas. A vila tentacular alastra no areeiro da impiedade. E gente rouba e gente mata, o suor dessa gente fica a cheirar através dos anos entre os quatro muros da prisão. Doidos e ladrões, matadores e desgraçados, dormem agora, sobre as esteiras, na paz da noite que desceu a Corgos.

[Cap. VII]

3. O Verão

O calor passava em grossas lufadas pela gândara, do céu maduro escorria o sumo duma luz espessa e quente; nem os pinheiros, nem os canaviais ondulavam como quando corria o vento fresco da primavera, nem pelo alto se movia a sombra que fosse duma nuvem. Tudo parecia imóvel para sempre e se algum ramo mexia ou um canoilo oscilava era a onda viscosa do calor alastrando no ermo.

O poceirão secava, a água sumia-se no ar e um cheiro de terra fermentada corria em volta. Os juncos, plantados em lama, ficavam a secar ao sol, as canas amareleciam, o verde desaparecia das terras, comido nas longas sextas.

No começo das coitadas, a sombra dos pinheiros caía sobre a choupana de João Santeiro. À tarde chegava e naqueles sítios onde não crescia milho, chão de silveiras e de lenha miúda, ia um silêncio pleno; raro passava gente, o povo vencia o dia nas terras de cultivo, regando as colheitas, atirando água e mais água às raízes que morriam na areia seca da terra. Só de quando em quando, uma mulher passava carregada de caruma ou um garoto levava a tarde agarrando enguias na crosta lamacenta que nascia das águas perdidas.

Leandro estava estendido à porta da cabana, os olhos semicerrados fitando vagamente a fundura dos pinhais desertos. O sol do meio dia começava a descer sobre S. Caetano e a calma morna tolhia de lassidão o corpo de Leandro.

João Santeiro saía de madrugada para a feira de Corgos, ia beber nas vendas, espiar os negócios dos lavradores que, pelo anoitecer, passariam de carros carregados na estrada nova de Corrocovo. Começavam os dias grandes da quadrilha. Leandro tremia ao pensar no primeiro assalto que ia fazer aquela noite. Mas estava firmemente resolvido, tinha que arranjar dinheiro para safar-se daqueles sítios, abrir um caminho para o Brasil, custasse o que custasse. Talvez que o seu caso não estivesse definitivamente arrumado, que houvesse ainda uma salvação para os homens perdidos como ele. Era essa esperança que João Santeiro lhe fizera crescer no coração.

[Cap. VIII]

4. A praia do Areão I

No estio, quem pode abandona Corgos, as aldeias da gândara e enche a praia do Areão. Os comerciantes, os médicos, os advogados, os maiores proprietários, até famílias da cidade, instalam-se em palheiros seus ou alugam a gente do sítio os melhores poisos. Casas de pedra ou adobo, há duas; o resto é barracame de madeira. O povo muda-se para pequenos casebres, amontoa-se nas dependências e nos grandes anos chega até a passar o estio nos currais e nas choças do gado.

A praia vasta sobe do mar numa longa rampa e desce depois para os terrenos de cultivo. Mais ao longe, a floresta vai crescendo, o areal cobre-se de vegetação, a mata sobe para o alto e o ruído do mar chega ali no vento manso. As dunas erguem-se para o sul, ondulação sobre ondulação, a perder de vista.

A família do dr. Carmo chegou nos últimos dias de julho. Fernando acabou os exames, esteve uma semana em S. Caetano e mudaram-se logo. D. Hermengarda achara-lhe mau aspecto, insistira para que viessem mais cedo. Agora, que a pele de Fernando tomou uma cor bronzeada, que o filho ganhou peso, D. Hermengarda vive com menos preocupações e passa as tardes inteiras na barraca, olhando o mar, a gente que passeia nos estrados de madeira, as crianças que jogam a pela e se rebolam na areia. O dr. Carmo parte de manhã para Corgos e volta pelo anoitecer. Anda a ultimar uns assuntos na Administração, não tem um dia para gozar aquele ar forte e salgado da praia. Depois, os negócios dos “Armazéns”, a advocacia, as terras de S. Caetano estão a roubar-lhe bastante tempo. Que aproveite a família, que se divirta o filho; por si, a trapalhada daquela vida não lhe permite um momento sequer de descanso.

.....

Em frente dos palheiros, homens de tronco nu arrastam as pesadas cordas das companhas. Chegam de baixo os seus gritos roucos e o peso da rede tolhida pelas águas põe-nos curvados, as pernas tensas, os braços contraídos aguentando o cordame. Bois ajudam a faina e os gritos duros sobem a encosta da praia, incomodam a gente das barracas, misturados aos mugidos dos bichos aguilhados. Garotos sujos correm dum lado ao outro, brincando entre as canastras e as pilhas dos cabazes.

D. Hermengarda passa a mão pela testa a ajeitar o cabelo que o vento desprende. Gente desce os estrados de madeira, os gritos tornam-se mais fortes, as sardinheiras comprimem-se na borda do mar; fardas da Guarda Fiscal misturam-se aos trajos negros das mulheres, às camisas listadas, à pele quase

negra dos pescadores. O sol desceu e a réstia grossa de luz que entra na barraca cobre agora os pés de D. Hermengarda.

... ..
O burburinho da praia alonga-se, em baixo estão leiloando peixe e acorre mais gente, as sardinheiras enchem as canastras e começam a subir a rampa de areia. O mar continua calmo como um lago; e céus, terra e água, enchem-se da transparência quente da luz.

... ..
Em frente da barraca dois pequenos de “maillot” atiram areia um ao outro. A tarde desdobra-se cada vez mais serena sobre o Areão; à borda do mar, a venda do peixe acaba, as gaivotas planam sobre a água de asas estendidas e quietas. A réstia de sol continua a subir nas pernas de D. Hermengarda.

[Cap. IX]

5. Caminhos da Gândara

– Sim, tenho que ir para casa. Daqui ao Perboi são três léguas bem puxadas. Levo comigo o dinheiro do negócio e não posso arriscar-me de noite por esse caminho de gândaras.

Levou um dedo esticado ao nariz como a pedir segredo, mas de repente exaltou-se de novo e descarregou o punho na mesa:

– Quero lá saber que me roubem. Dá-lo a uns ou a outros, tanto faz. Vou mas é beber outra copada!

João Santeiro levantou-se e o homem aconselhou:

– Fique aqui na boa vinhaça, camarada, deixe lá a pressa.

– Ná, tenho que ir indo.

Mas o homem da pele enrugada mal escutou, chamava já o taberneiro em voz alta, reclamava mais vinho. João Santeiro aproveitou a ocasião e saiu. Cá fora, a feira continuava, o sol ia ainda alto, a zoda das conversas era como uma voz única, ondeando à flor da multidão, agreste, quase metálica, na crueza da luz e do ar. João Santeiro meteu pela ruela que saía do largo, rente à esquina da taberna; minutos depois, passava as últimas casas de Corgos e embrenhava-se no caminho areento que, através dos pinhais, levava a direito para S. Caetano. Andando, continuava a pensar no homem da pele enrugada e perguntava a si próprio o que havia de fazer. Tinha percebido a desgraça do outro, as dívidas, o desfazer-se de tudo para pagá-las, levava ainda nos ouvidos

a sua voz frouxa e sem esperança. João Santeiro hesitava em mandar saltar os seus homens ao caminho dum desgraçado assim!

O vento quente da tarde corria nos pinhais, vento que era apenas o calor espesso arrastando-se no ermo. João Santeiro sentia-se cansado e começava já a tossir com insistência, a areia do caminho dificultava a marcha, as pernas pesavam-lhe um pouco. Por entre os troncos, via as serras longínquas, as matas, como se desprendessem fumo debaixo daquele sol pleno do estio. Retardou os passos e continuou a pensar. O que não podia levar a bem era ter perdido o dia com o homem da pele enrugada e estar a magicar agora em deixá-lo escapar. Os pés descalços de João Santeiro poisavam a custo na areia quente. A terra crestava. Procurou chão mais fresco, caminhando sobre a vegetação rasteira, mas também o folheto seco ardia no grande fogo da planície. Havia ainda Venâncio, não convinha dar o mais pequeno sinal de fraqueza diante dele. João Santeiro estava a estranhar-se, tremeu ao pensar que podia ter começado a amolecer. Mas não. A idade não havia de fazer de si um cangalho, sem coragem, sem força, apiedando-se do primeiro desconhecido que aparecesse. Um momento, a imagem de Leandro passou na sua frente. Se bem que precisassem de gente nessa altura, João Santeiro reconhecia que fora uma fraqueza. Paciência! asneiras todo o mundo faz. Mas, agora, nada tinha que ver com o homem de Perboi. Fosse desgraçado à sua vontade, comesse-o o inferno!

Doíam-lhe os pés, caminhava cada vez mais penosamente. Cavalgadura! a ter piedade, tivesse-a consigo. Sentia o suor escorrer-lhe ao longo do corpo, pingar das barbas no peito cabeludo, alastrar nas pernas e debaixo dos braços. O calor trespassava os pinhais quietos, as aves dormiam, e os campos quase nus, estendendo-se para longe, eram chãos de cinza amarela. Nem batata, nem vinho, nem milho, vingariam. Um bafo lento passava de lado a lado, mortal e silencioso, a calma caía nos caminhos como um sopro do inferno. João Santeiro encostou-se a um tronco, descansando um pouco, e abanou longamente a cabeça. Carago! nem um par de tamancos para palmilhar aqueles atalhos em fogo!

Quando recomeçou a marcha, estava firmemente resolvido. Naquela noite, a quadrilha rondaria o caminho solitário de Perboi. Arrastava-se devagar. As lufadas quentes passavam, umas sobre as outras, na imobilidade da gândara. Nunca a choupana do poceirão lhe parecera tão longe. Respirava a custo, tossindo. Era como se S. Caetano estivesse para lá dum mundo que ardia, na perdição da distância.

[Cap. X]

6. A praia do Areão II

A charrete do dr. Carmo batia a estrada poeirenta do Areão. Amândio segurava as rédeas com o braço frouxo, o cavalo, coberto de suor, aproximava-se a trote da floresta. A sombra das primeiras árvores caía no caminho. O dr. Carmo tirou o chapéu e passou o lenço na testa molhada. Tinham galgado já três léguas desde Corgos, mais dois quilómetros e estariam diante do mar. Começavam a sentir um vento fresco que cheirava a sal, passando-lhes saborosamente sobre a pele; atrás da charrete, a poeira perdia-se nas vinhas e nos milheirais.

O dr. Carmo viera de olhos fitos na planície comida de estio. Há dois anos que era aquilo, as aldeias abismadas de sol, os campos em volta queimados e estéreis, as plantações torcidas. Chovia pouco e o suor alastrava molemente na gândara, apodrecendo as raízes, levando a morte a tudo. Semear era perder as sementes. Os lavradores olhavam com pavor o céu longínquo e limpo, a gente pobre dos povoados esperava tristemente a fome. Mendigos arrastavam-se de terra em terra, ladrões assaltavam quintais, cruzavam as estradas, enquanto garotos choravam nos casebres ou erravam nos campos, chupando os frutos secos e bichados que tombavam das árvores quase mortas. Se bem que não fosse isso que o dr. Carmo ia vendo. As imagens entravam-lhe nos olhos: a fome, a ruína, a aridez dos chãos; mas de tudo aquilo tirava apenas um único pensamento: as suas propriedades de S. Caetano iam secando, as colheitas podiam perder-se quase por completo! Cada vez que Amândio atirava o chicote às costas do cavalo, uma guinada estremecia a charrete. O doutor Carmo dera ordens para que se fizesse rega sobre rega. Comprara nova junta de bois e os seus poços tinham água como nenhuns. A verdade é que podia salvar alguma coisa, cinquenta pés de milho em cem, trinta que fossem. Cosme Sapo, o padre Silva, outros, deviam ter tudo perdido. Questão de maus poços, de engenhos rombos, de terrenos mal estrumados. Na sua casa, ou se faziam as coisas como era preciso ou não se faziam. O doutor Carmo abandonava o corpo na almofada do banco e sorria. Afinal de contas, o pouco que colhesse daria o mesmo rendimento. Claro, ano de muito vinho, almude a quinze, até a doze; com vindima de cacho podre, deitar metade fora e mais, o almude subia a quarenta e cinquenta. Era assim com o milho, com a batata, com tudo. O mal seria se a razia batesse apenas à sua porta, mas tocando a todos, bem ia a vida, mesmo que as contribuições subissem, como se pensava em Corgos.

O cavalo levantava grossos rolos de poeira, o sol escaldante parecia imobilizado sobre a estrada. De quando em quando, topavam gente e gado que regressava já da feira da vila. Homens de casaco ao ombro, calcando o pó das bermas, mulheres de chaile negro, porcos, bois, e, ao redor, a tristeza duma terra queimada e nua. A sombra da capota cobria o corpo do doutor Carmo; na boleia, Amândio aguentava a rijeza da torreia. O cavalo afrouxava, cansado, enquanto o chicote lhe fazia saltar dos lombos a espuma do suor.

Trotavam agora dentro da floresta, as árvores alongavam uma sombra fresca no caminho e o cheiro do mar desprendia-se já do vento manso, das ramagens, da urze alapada. Renques de plátanos e carvalhos novos medravam do areeiro, à beira das valetas, estendiam-se no plaino, emaranhando o folheto. E na distância, os morros brancos das dunas cresciam para o sul, até a vista deixar de enxergar outra coisa que não fosse um céu azul e liso, quase metálico de luz. O doutor Carmo ia impaciente por chegar, ergueu-se um pouco, bateu nas costas de Amândio e indicou o cavalo:

– Puxa por esse diabo!

Amândio acenou que sim e levantou o chicote. O animal arrancou e o ruído do mar, ressoando entre o arvoredado, começou a avolumar-se pouco a pouco. O doutor Carmo recostou-se de novo.

.....

O doutor Carmo sorriu. Amândio incitava o cavalo, a charrete aproximava-se a trote largo do Areão. Fizeram a curva da ponte e os primeiros palheiros surgiram por fim, na encosta da duna. Lá mais ao fundo, as gaivotas voavam ao rés das águas serenas e doiradas.

Chegaram e o doutor Carmo apeou-se molemente. Amândio rodou com a charrete enquanto o patrão subia para a praia. Ao cimo da rampa, o Administrador parou um instante. Procurou com o olhar a barraca e foi andando, a passo lento, sobre o estrado de madeira.

[Cap. XI]

7. Terra mãe

Mas, contra todas as suposições de Medeiros, a tragédia não acabara ainda. Meses correram. E Troncho primeiro, depois Venâncio, cumpriram as penas e voltaram a S. Caetano. Estavam de novo naquele chão amargurado da gândara, que gerava ladrões, mendigos e assassinos, ganhões e emigrantes, terra mãe enjeitando os seus filhos pelo mundo fora; estavam de novo ali, sem trabalho,

rejeitados pela desconfiança dos lavradores; e olhando o areeiro triste sentiam as azinhagas chamá-los outra vez, os silveirais nocturnos, para a desgraça dos assaltos e das esperas. Continuariam a correr o caminho negro de João Santeiro.

..... 4.....
E a voz de Venâncio ecoou, inflexível:

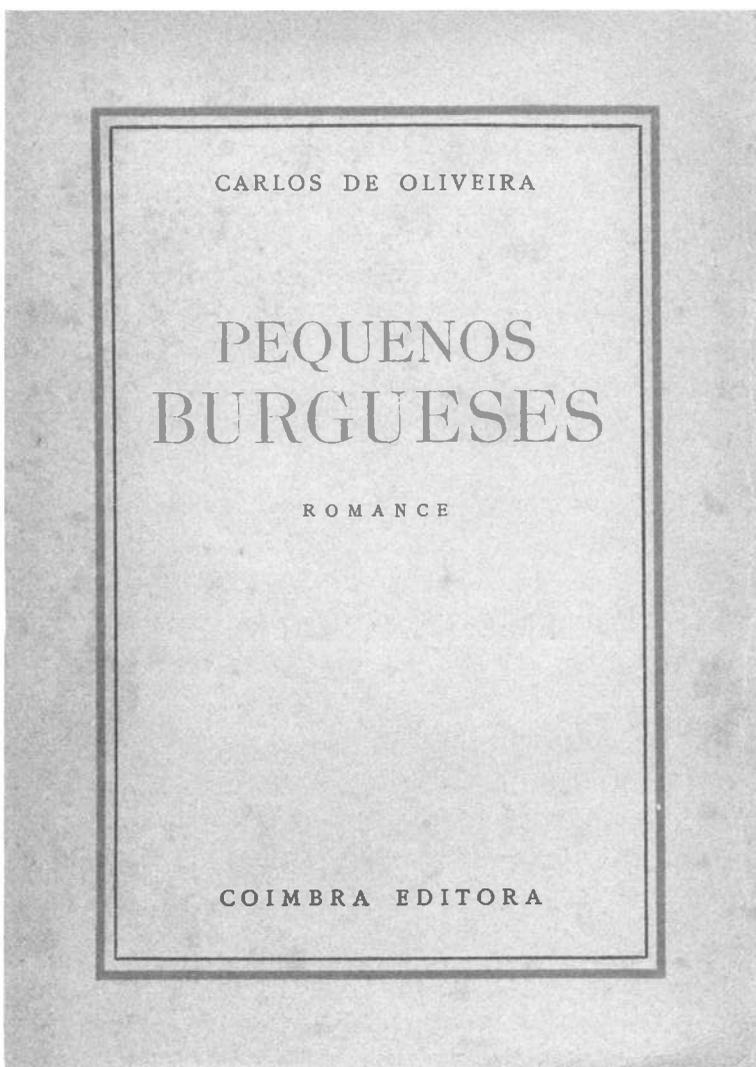
– A sepultura do Capula.

O outro estremeceu mas continuou a andar, silencioso. A luz vaga das estrelas escorria no chão lívido e frio. As cruzes de pedra, de madeira e de ferro, erguiam os seus vultos espartilhados ao céu, como braços hirtos e angustiosos de gente enterrada e perdida já no mistério do tempo, acenando imóveis à lembrança dos homens que passassem. Gerações e gerações de camponeses falavam, no seu silêncio, dum luta velha contra a terra, luta que continuava ainda, até os ossos serem pó e os mortos se terem esvaído para sempre na memória dos vivos.

Mal encontraram a sepultura de Capula, Venâncio atirou o casaco fora, ergueu a enxada e cavou longo tempo ante a mudez ansiosa de Troncho. Até que o corte embateu surdamente no caixão. Com o auxílio do companheiro, Venâncio ergueu-o para fora da cova; ficou um momento, arquejante e, por fim, golpeou-o com fúria, despedaçando a tampa. Tinha-se apoderado de si uma raiva selvagem e cega. Insensível ao cheiro imundo, de queixos cerrados, agarrou o cadáver meio roído e puxou-o para fora, arrastando-o sobre a terra mexida. Então, levantou a enxada uma última vez e, sob o olhar pávido de Troncho, decepou a cabeça daquele corpo apodrecido e medonho. Cambaleou, exausto; e quando levou à nuca dorida, à cara, as mãos sujas que haviam tocado os restos de Capula, sentiu uma humidade fétida e gordurosa deixar-lhe sobre a pele escaldante um saibo de frescura.

A lua toldou-se de súbito numa nuvem breve, mas voltou a cair pouco depois, mais desolada e erma, nas cruzes enegrecidas, na gândara toda. E foi como se um frémito de medo tivesse arrepiado a terra. Aquela terra morta e assombrada.

[Cap. XXX]



Pequenos Burgueses, Carlos de Oliveira, 1ª ed., Coimbra: Coimbra Editora, 1948, Coleção Galo

Pequenos Burgueses

(1948, 3ª ed. refundida, 1970)

1. Veredas da Gândara

Nos começos do estio, uma destas veredas da gândara é um enovelado fiar e desfiar de pegadas. Não faltam sinais de pés descalços, tamancos, cascos, ferraduras, na poeira grossa e ainda húmida das últimas chuvas da primavera. O calor, contudo, aperta dia a dia, o chão começa a esboroar-se e há-de criar o pó amarelado e solto de agosto. Então, adeus pegadas. Não é preciso vento, basta o sopro dum pássaro para as levar. Por agora, a humidade molda-as e conserva-as. Nada que se compare a um atalho quase barrento de abril ou maio, longe disso, mas também não se pode exigir tanto em julho, que de mais a mais principiou bastante quente.

... ..

Seja como for, aqui está, vergado sobre o atalho que leva de São Caetano à Fonterrada. Cerca-o a tarde de julho e ele, abismado, sereno, numa outra tarde, longe, muito longe, até que um arrepio o traz de novo à realidade. Endireita-se pouco a pouco, abre os braços, espreguiça-se, as mangas encolhidas como as dum espantalho sobem de tal modo que lhe deixam os cotovelos à mostra. A única nuvem do céu, uma coisa de nada no azul de zinco, segue viagem. Acompanha-a com o olhar, ressentido. Tem visto pegadas aos milhares, de éguas alentejanas, mulas, burricos de almocreve, alazões de gente rica. Afinal, o mundo anda a cavalo, eu é que não. A perna coxa, muito dura, felizmente a amolecer agora que voltou o verão, lá para setembro chega a dobrar-se um ou dois centímetros, entorpeceu de todo. Esfrega-a, dá alguns passos trôpegos, depois recupera o ritmo (de marinheiro só dum lado) que a imobilidade emperrou. Move-se outra vez, portanto, corrigindo já sem esforço a tendência para guinar à esquerda, onde a perna (coxa) é mais curta. Como a nuvem solitária desapareceu, põe-se a fitar o sol. Enche os olhos de luz. Pelo menos durante um bom pedaço não conseguirá voltar à leitura da poeira.

Uma espécie de chuva, feita de água diferente, encharca o céu e a terra, se pode dizer-se chuva, água, encharca, a propósito desta molhadela seca, se pode dizer-se molhadela, claro. Mas que trapalhada. Nunca me entendi com as palavras. Talvez doutra maneira: não há sábado sem sol nem domingo sem missa, e hoje é sábado. Aí está.

As ramagens dos pinheiros fecham-se lá em cima numa cúpula emaranhada, que fumeja por fora e por dentro parece mais sombria que a nave da Matriz de Corgos. Cá em baixo, a areia e a caruma servem de lajedo, um lajedo fofo, e boceja. Ótimo para dormir, o sossego dos templos. Atravessa a regueira cautelosamente, um pequeno impulso com a perna dura firmada do outro lado. E pronto, cobre-o o tecto do pinhal. Poisa os alforques entre duas raízes, atira a perna coxa para a frente, dobra a sã até apoiar as mãos no chão, deixa-se cair, estende-se e encostando a cabeça aos alforques suspira.

Pegaria logo no sono se não fosse um tropel alertá-lo; assim, como é que eu hei-de adormecer? Soergue-se nos cotovelos; o galope vem dos lados da Fonterrada, aproxima-se cada vez mais; espera, numa grande tensão, a cabeça inclinada para ouvir melhor; e entrevê por fim a montada e o cavaleiro vinte metros à sua frente no atalho que deixou há pouco, um segundo apenas, perco logo a aparição par trás duns montões de silvas, mas basta para reconhecer o Major cavalgando a sua égua baia, quem ma dera a mim, à rédea solta, bem apertada entre os joelhos, lá vai ela, sumiu-se, um novelo baixo de poeira enreda-se pelos pinhais, boa viagem. Ajeita-se na caruma, retoma a posição inicial, ao diabo as éguas, ao inferno as cavalgadas, o que tenho é sono, o que quero é dormir um bocado em paz, puxa o chapéu sobre os olhos, o chapéu que lembra um saco de coar café, e adormece. Pressentem-se no silêncio os bichos miúdos, formigas, aranhas, lagartas, moscas, sapos, a devorar o resto da humidade.

Tudo parece em ordem, e daí talvez não, o sono começa a agitá-lo, a revolvê-lo, por dentro e por fora:

– Chó, ruça; chó, linda.

Nem mais. Galopa à desfilada, numa égua baia.

[Cap. I]

2. A vila de Corgos

Os jogadores entram em casa. O silêncio absorve o rumor dos últimos passos. Eis a vila deserta. Luar. Setecentos, oitocentos fogos dispostos em ruas mais ou menos radiais. No centro, em redor do parque, ficam os Paços do Concelho,

a Matriz, duas ou três casas apalaçadas, entre elas o solar de D. Álvaro. A possibilidade de entrever o conjunto da povoação, muito plana, é subir à torre da Matriz ou às colinas. Descobre-se então o esboço duma estrela de pontas desiguais, curtíssimas as que batem nas elevações calcárias, maiores as outras, sobretudo as que estão viradas para o litoral, como se a estrela se tivesse arrastado do mar por duas léguas de areia e esbarrasse agora contra os primeiros relevos fixos do solo. Também a partir do centro, a altura dos prédios baixa gradualmente, com uma ou outra excepção que não desfaz a ideia geral de que a estrela, empolada no meio, decresce para as extremidades até se esboroar em casas muito baixas de adobo.

.....

Um dia abrasador. De janelas fechadas à luz estuante de fora, a vila espera outra vez que anoiteça. Quando anoitece, a lua surge sobre os telhados, à esquerda do solar, quase ao mesmo tempo que o vento se levanta, não muito forte, é certo, mas ainda assim carregado (como na véspera) da poeira das dunas. Em menos duma hora, o luar fica doirado.

[Cap. XIII]

3. As Três Dunas

Aproxima-se da janela e espreita. Os eucaliptos, plantados a distâncias iguais, ordenam o espaço irregular da praga. Na álea central, a igreja quase em ruínas; o musgo, os líquenes, alastram na cantaria e no telhado, tornam-se de súbito mais visíveis; qualquer inflexão da luz. Ao sol, a aldeia fumega, entre poceirões e charcos de juncos roxos (a lama reflecte, duplica a intensidade da cor), e o fumo é violeta, tão nítido que sugere o gráfico duma exalação, em círculos sucessivos, até às margens do papel. Melhor, até certa altura do ar; depois, é o brilho das Três Dunas descarnadas pelo vento; ardem, parecem vidro esmigalhado. Fita-as e enche os olhos de água.

– Posso ir brincar?

– Podes, mas não queimes ouriços.

.....

Os companheiros descobrem o ouriço nos silvedos ao pé da ribeira e empurram-no à paulada para o meio da praça. O bicho, encolhido na sua carapaça de espinhos, é uma bola escura que os tamancos chutam, as vergastas zurzem. Então torna-se maior, as cerdas eriçam-se-lhe ainda mais, o guincho

assustado enrouquece. Talvez queira por sua vez assustá-los ou dizer-lhes que parem. Incha, enfurece-se. Pois sim. Levantam a lata do petróleo, derramam-lho por cima e deitam-lhe fogo.

Vê a cena de longe, perguntando a si mesmo: para quê? porquê? A vozeria, o revérbero do sol nas Três Dunas, o fumo violeta dos poceirões, o ouriço como uma pinha acesa, o guincho quase humano, entontecem-no. Vence a náusea, domina-se. Algures, no seu espírito, procura razões para aquilo: a morte infligida porque é morte, a explosiva, alegre cantoria perante a dor dum bicho. Que o separa deles? A restrição dos pais? A falta de saúde? A impossibilidade de mais um esforço para ser cruel?

Pode tentar esse esforço e, contudo, fica no mesmo sítio, olha-os com uma dúvida indecisão que mistura sol, cansaço, ideias lentas. Milhões de grãos de areia fulgem. Flechas contra as casas. A massa do calor transformada num outro animal de agulhões ardentes. Os companheiros dançam em volta do ouriço, da chama lancinante, e cantam agora numa voz ritual, espessa, de homens bêbedos. No ar, ondeia o cheiro dos poceirões a apodrecer. Vem da zona entre a aldeia e as Três Dunas, traz o perfume dos golfões, das folhoas, dos lírios de água, agonia um pouco.

Afasta-se e regressa a casa.

[Cap. XV]

4. O pomar

Coisas entorpecidas. Ermos. Léguas de pinhais, quietos como velhas florestas. Serras distantes, tão nítidas que se percebem os sulcos das ribanceiras, das gargantas. Campos, nergas de areal e mato, poceirões. Mais perto, a aldeia deserta, as pedras vivas de calor. Mais perto ainda, o pomar, que destoa nesta desolação, e o jardim de Cilinha, quase morto.

.....

Seiscentas e onze laranjeiras, a maioria velhas, em pleno rendimento. Sem exagerar, haverá no resto da gândara tanta laranjeira? Duzentos e noventa e quatro pessegueiros. Muitos deles ainda novos. Hão-de medrar. Não foram plantados para outra coisa. Dezenas e dezenas de nespereiras, tangerineiras, limoeiros. Mil e tal árvores, ao todo. O pomar, aliás, não passa dum capricho de proprietário. A minha obra de arte. Cada homem deve deixar uma atrás de si, não é, D. Álvaro?

Ao crepúsculo, os poceirões ficam mais activos. Calor acumulado. A temperatura desce, não muito, mas sempre desce, e provoca uma exalação fortíssima, que por enquanto traz o cheiro adocicado dos golfões e dos lírios, mas no outono se torna podre, quase insuportável. Lodo refervido, durante meses, a criar enguias gordas e sanguessugas. Só as primeiras chuvas conseguem sossegá-lo e o odor some-se então em poucos dias.

As serras escurecem, já não se vê com nitidez o corte abrupto dos despenhadeiros. O silêncio desfaz-se imperceptivelmente nos pinhais, as aves surgem não sei donde, gente que volta dos campos afastados atravessa a praça de enxada ao ombro. Um ruído de portões e aldravas. Ruído puxa ruído. Começo a ouvir lá dentro passos, vozes, o tinir das louças. Tardíssimo e eu neste estado. Barba por fazer. Preciso também duma boa ensaboadela, porque andei toda a manha na cavalaria. Deus queira que a casa de banho esteja livre, mas duvido.

[Cap. XXV]

5. O bruxo de Moirões

Caminha na terra areenta, solta. O mato, os pinhais, desdobram-se numa extensão verde-escura que o sol irá calcinando pelo dia adiante, pelo estio dentro, até torrar-lhe a cor. O carreiro faz uma larga curva, bordeja os terrenos de cultivo. Pensa em cortar a direito, mas o medo das cobras obriga-o a dar a volta. Arrastam-se entre o cardo, enroscam-se à falsa fé na perna dum desgraçado. Lustrosas, moles, a língua rachada, a ponta musgosa da cauda, a dormir ao sol. Pois sim. O pior é quando filam seja lá o que for e se entesam como cordas. Meu Deus, ali estão duas, enroladas no tojo. Nem de propósito, os olhos da maior postos em mim. Diz-se que atraem as pessoas com o olhar. Cautela, Raimundo, mais de largo.

Impossível descortinar uma pegada de jeito. Areia, terra sem firmeza. Os rastros não ganham forma no chão inconsistente. A pata dum boi ou o passo dum homem, sem nenhuma diferença, deixam o mesmo barroco minúsculo e afunilado. As mulas, também. E os sandeiros dos almocreves, que vão a Entre Moinhos buscar farinha. Uma tristeza. Só mais adiante, em breves laivos de terreno barrento, que o calor não endureceu ainda, consegue ver algumas marcas recentes de tamancos. E de súbito, o Senhor é capaz de grandes coisas sempre que lhe apetece, quatro ferraduras inesperadas, batidas com nitidez na argila. Cede à tentação e pára, apesar da pressa. Não se encontra

uma maravilha destas todos os dias. Estende a perna coxa, baixa-se sobre a outra, a dificuldade do costume, para examinar as pegadas atentamente.

Quando eu tiver a minha mula, e não falta muito porque o bruxo de Moirões talvez ma dê hoje se chegarmos a acordo, hei-de vir aqui com ela gravar as ferraduras, depois corto os quatro pedaços de barro, levo-os para casa e deixo-os secar, depois de secarem ponho-os na cantareira se a rapariga consentir, talvez consinta, e depois é só dar-me na gana, lá estão elas para eu ver como se visse a mula sem precisar de ir ao curral.

Distingue, pelas abertas dos pinheiros, milhos amarelecidos, vinhas, batatais, leiras de abóbora e couve, uma ou outra árvore de fruto. Quem conhece o pomar, tem dó. Tão secas, tão desgarradas. Vozes ao longe, um canto de mulher, ordens de trabalho, pedaços incompreensíveis de conversa, que a aragem branda arrasta. Volta a embrenhar-se no ermo. Cara a cara com o mundo silencioso, cresce nele a admiração por tudo aquilo. Entra nos pinhais velhos, onde as ramagens altas se emaranham, filtrando o sol que chega cá abaixo quase sem cor. Para não dizer que se trata apenas dum luar mais forte do que o outro. Que grande solidão. Anda e dá conta que a luz toma, passo a passo, uma transparência verde, irreal. Proximidades do bruxo? Capaz disso, sim senhor. Sai dos pinhais e a manhã volta ao que era. Embora não seja exactamente a mesma, no que me diz respeito, porque sinto outra vez um peso na consciência. Remorso, é o que é. Tens de te arrepender bem arrependido ou arriscas-te a que o bruxo te mande para trás, sem a mula. Já sabe de tudo a estas horas. A tua sensação de alívio, ontem, quando mataram o Troncho. Não foi por mal, ele caía e eu chorava por dentro, cheio de pena. Contudo, ias também pensando que estavas livre da espera, que ele nunca mais surgiria numa azinhaga a rachar-te o canastro. Ia, mas era sem querer. Senhor santo bruxo, perdoe. Assim, dificilmente mereço a mula, eu sei. Por isso aqui venho explicar-lhe, sem demora, que não foi por mal. Ainda podemos chegar a um acordo, não podemos?

Alcança por fim a concha espraçada dos Moirões, areal resvalando de todos os lados, semelhante à cratera dum lago extinto, e ao fundo o maciço dos pinhais, os regueirões ajoujados de silvas, a teimosa floração do tojo. À esquerda, sobranceiras à concha, erguem-se as Três Dunas. Sob a torrente da luz, polidas pelo vento, brilhantes, lembram pirâmides de sal.

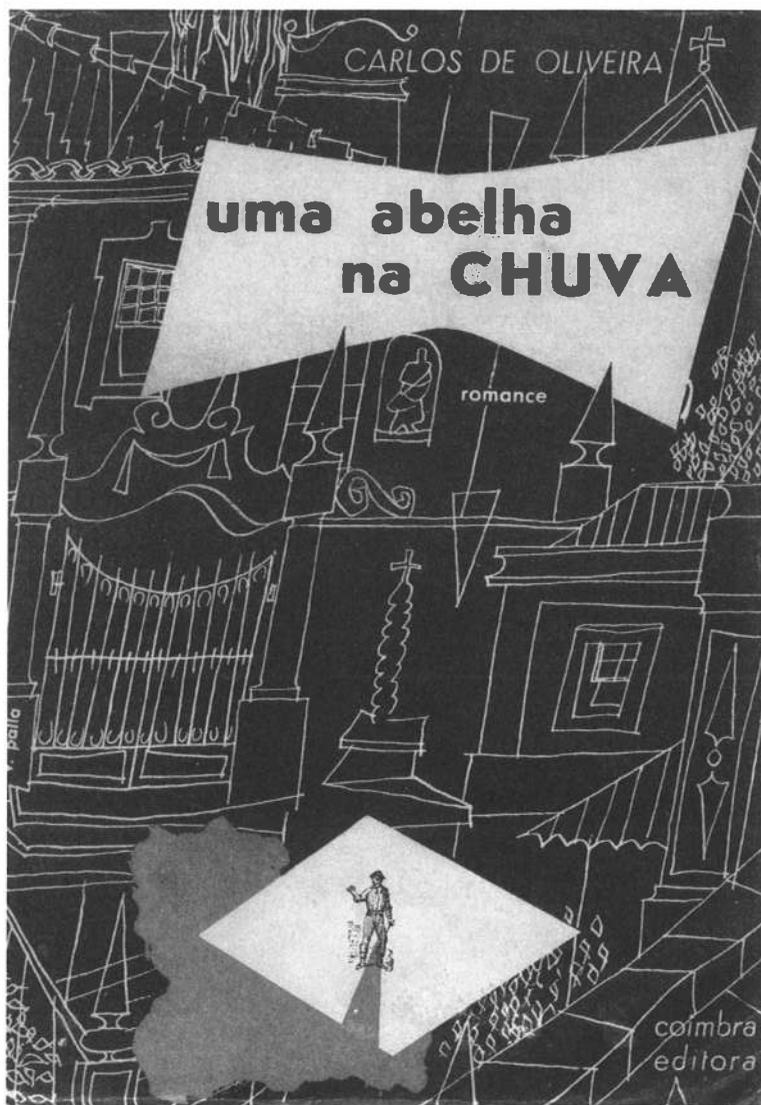
Desvia os olhos e prossegue. Ao meio dia, calculado pelo sol, porque não ouve nenhum sino, mergulha na bocarra. A solidão, agora, tem outra natureza. Espessa, coagulada, como o próprio dia. Descansa um bocado à sombra duma

figueira brava. Semelhante, quase de certeza, à que rebentou o burro quando o santo, nessa altura almocreve, apanhou a tempestade por aqui. Há muito tempo. Aproveita e rói a broa, os abrunhos, que meteu nos alforjes para a viagem. Mas ergue-se depressa. Tem de esmiuçar os Moirões palmo a palmo, e coça a cabeça diante desse bico de obra.

Passa por uma das aldeias abandonadas durante a grande seca, meia dúzia de casas, nem tanto, que se esboroaram até aos alicerces, a ossada dum boi, inteira, curva, duma brancura limpa que estilhaça a luz, outra cobra, cuidado, e andando, andando sempre, descobre ao fim da tarde a cabana do bruxo, entre dois montões de silvas, feita de tábuas e estacas, com arrancas de amoras por cima caindo até à porta desmantelada, uma cruz tosca na empena da esquerda.

Hesita antes de entrar. Reza uma avé maria, faz o sinal da cruz, e decide-se. Escuro. O ar gordo envolve-o, cobre-o de suor. Um cheiro intenso de podridão traz-lhe à boca a broa, os abrunhos. E se fugisse?, mas domina-se a tempo, fugir, depois duma trabalhadeira destas, farejando os coitos do mato como um perdigueiro?, fugir com a mula à mão de semear?, onde é que tens o juízo, homem? Habitua-se entretanto à penumbra e distingue o vulto do bruxo, quieto, sobre a caruma que lhe serve de cama. Então diz, numa voz insegura:
– Salve-o Deus, santinho.

[Cap. XXXIII]



Uma Abelha na Chuva, Carlos de Oliveira, 1ª ed., Coimbra: Coimbra Editora, 1953, Capa de Victor Palla

Uma Abelha na Chuva

(1953, 4ª edição, revista, 1969)

1. A vila de Corgos

Pelas cinco horas duma tarde invernosa de outubro, certo viajante entrou em Corgos a pé, depois da árdua jornada que o trouxera da aldeia do Montouro, por maus caminhos, ao pavimento calcetado e seguro da vila: um homem gordo, baixo, de passo molengão; vestia uma samarra com gola de raposa; chapéu escuro, de aba larga, ao velho uso; a camisa apertada, sem gravata, não desfazia no esmero geral visível em tudo, das mãos limpas à barba bem escanhoadá; é certo que as botas de meio cano vinham de todo enlameadas, mas via-se que não era hábito do viajante andar por barrocais; preocupava-o a terra, batia os pés com impaciência no empedrado. Tinha o seu quê de invulgar, o peso do tronco roliço arqueava-lhe as pernas e fazia-o bambolear como os patos. Dava a impressão de aluir a cada passo. Não era certamente grande caminhante, a respiração alterosa dificultava-lhe a marcha, mas galgara com coragem duas léguas de barrancos, lama e invernia. Grave assunto o trouxera decerto, penando nos atalhos gandareses, por aquele tempo desabrido.

Havia sobre a vila, ao redor de todo o horizonte, um halo de luz branca que parecia o rebordo duma grande concha escurecendo gradualmente para o centro até se condensar num côncavo alto e tempestuoso. Ameaçava chover. O vento ia descoalhando as nuvens e abria caminho à grossa chuvada que a tarde esperava.

O homem cruzou a praça devagar, entrou no Café Atlântico e sacudiu as botas com cuidado no capacho de arame. Sentou-se, pediu um brandy e engoliu-o dum trago. Na sua lentidão natural era a única coisa que fazia com alguma pressa. Encostava o copo à boca bem aberta, imobilizava-o um momento e de seguida, num golpe brusco, atirava-a à garganta. Repetiu a operação segunda e terceira vez. Pagou e saiu. Atravessou de novo a praça, batendo pausadamente o tacão das botas, deixando cair os últimos pingos de lama e dirigiu-se à redacção da Comarca de Corgos, sempre no mesmo passo

oscilante e pesado, como se o levasse a custo o vento que arrastava no chão as folhas quase podres dos plátanos.

[Cap. I]

2. Madrugada

O primeiro alvor da madrugada na janela do escritório. Um começo de luz apenas, ainda por fixar no contorno do mundo. Como a mulher se tivesse recusado a deixá-lo entrar no quarto, passara ali a noite, encolhido no maple, de couro, com a samarra pelas pernas. Não conseguira adormecer, mas alcançara do excesso das palavras e do álcool um pouco de repouso. No entanto doía-lhe a cabeça. A boca seca, amarga. Levantar-se e abrir a janela. Uma golada de água, a pureza fria da madrugada. A cinza da luz amontoava-se nas vidraças, mas não era possível prever se o dia chegaria ou não. Quando começava a clarear um pouco mais, a lufada de sombra varria a cinza da janela. Um desejo irreprimível de cheirar a terra molhada. Beber água, passar os dedos na casca rugosa dum pinheiro, encharcar-se de orvalho. Atravessou a casa adormecida, abriu a porta com cautela e saiu.

Nos pinhais cerrados a névoa era mais branca do que a luz difícil. Pelos barrancos. Ao dobrar uma moita de espinheiros, deu com a antiga olaria de mestre António, transformada agora em oficina de santeiro; o edifício alapava-se no alto duma duna exígua; por trás, a descair pelo lombo da duna, mal se avistava o palheiro do gado. Tudo quieto no ermo escurecido. O trilho de areia solta torneava os filões barrentos donde mestre António, a filha e Marcelo, o servente, arrancavam a argila. Ia seguir adiante, quando ouviu no palheiro um riso de mulher, breve e cauteloso. Parou. A frescura daquele riso pareceu-lhe a da mão cheia de água que se colhe nas fontes. Aproximou-se do palheiro, sentou-se na areia molhada do alvorecer e pôs-se à escuta.

– Ouviste, Jacinto? Anda alguém por aí.

– Não ouvi nada. Sossega.

.....

Arrastou-se penosamente, gatinhando na areia. Ao fundo da ravina ergueu-se. A névoa de outubro desprendia-se dos pinheiros, aquosa e fina, desvendando (não muito) a paisagem nascente: a extensa massa de árvores e a aldeia (uma geometria confusa de estábulos e casas). Mas a terra, os relevos, o alento da própria claridade, pairavam ainda no limbo da noite quase morta.

[Cap. XV]

3. Tempestade nas dunas

Ali iam agora, com a chuva a fustigá-los. A cada passo para o litoral a invernã adensara. Seguiam ombro a ombro, o moço aterrado, o velho ora agreste ora chalaceador. Pela tempestade dentro. Alcançado o grande areal que separa do mar as terras interiores, começavam a trepar a encosta da primeira duna. O aguaceiro enrijecia o chão de sílica e facilitava um tanto a marcha, mas o vento batia no cume do frágil monte e atirava de mistura com a chuva um granizo de areia.

– Paremos aqui. Vou cego com estas chapadas de terrça na cara.

– Para que diabo queres tu os olhos na escuridão, tratante? Fecha-os. Mais cego do que nós vai esse, aí, no lombo do jumento.

Um clarão recortou os vultos do velho, do rapaz e do burro com a carga suspeita sobre o dorso, o trovão estalou.

– Ui!

– Que é lá, Marcelão?

E antes que o moço pudesse responder:

– Bendita Santa Bárbara dos cegos, poupa-me sempre o fogo dos relâmpagos.

Gritavam as palavras para vencer a chuva, o céu furioso. Marcelo segurava numa das mãos o cabresto do animal e na outra a chibata. O demónio à solta pelas dunas. A noite de água, a torrente sem leito. O velho perguntou:

– Deste-lhe a matar?

– Puxei o cajado atrás das costas... Temos meia noite andada, mestre. Deixemo-lo aqui.

– Só paramos no mar. Há-de uma onda levá-lo para os baldões da água. Se alguma vez tornar à costa, vão lá saber quem era.

[Cap. XXII]

4. “Camponeses ásperos”

O céu toldara-se de novo, caía uma chuva leve, farinhenta, mas no pátio a multidão continuava firme. Nem o dilúvio a afastaria, quanto mais aquela poalha de água. Camponeses ásperos como o areeiro que faziam desabrochar e milho e vinho, crianças sujas, pobres de pedir, mulheres envelhecidas.

Mariana apareceu outra vez:

– O regedor...

[Cap. XXX]



Finisterra: Paisagem e Povoamento, Carlos de Oliveira, 1^a ed.,
Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978

Finisterra

(1978)

1. Representações da paisagem

A criança, sentada na cadeira de balouço (mogno velho, junto da janela, o alto espaldar contra a portada que se dobra em duas partes, justapostas e articuladas pelas misagras de ferro), examina a paisagem. Olhos piscos, mas minuciosos, na violência da luz exterior.

A primeira zona de areia (mancha a ferver num hálito prateado, como o sal dos velhos itinerários: ruivo por dentro, alvo por fora) ocupa o terço inferior da aridez que a janela enquadra.

Segue-se uma faixa estreita de gramíneas: a evaporação da lagoa (juncos densamente roxos) submerge-as num tom mais carregado que o da própria água. Esta área, no entanto, é bastante instável: sob a declinação do sol, as cores mudam com frequência de intensidade; basta um sopro de vento, a ondulação pouco perceptível que provoca, para clarear ou escurecer as gramíneas.

Na outra margem, a linha das dunas reflecte o movimento dessa ondulação (sinusóide ténue demarcando a altura da segunda grande zona de areia: branco? ocre? ouro a diluir-se?) e serve de limite ao terço intermédio da paisagem.

O último terço acaba na linha superior do caixilho: formam-no as dunas distantes (recorte acentuado, revérberos de cal, como a auréola, a inquietação, que as estrelas irradiam fixamente). Ao fundo, uma nesga de azul pode parecer ao mesmo tempo céu e mar, placa de zinco a incendiar-se, aérea e turva (apesar da luz).

Levanta-se e examina também a ampliação fotográfica, suspensa na parede (perto da janela), que reproduz esta mesma paisagem: a moldura dá-lhe um enquadramento semelhante; falta-lhe porém a cor real, e o tempo distinguiu a imagem: os contrastes são pouco visíveis, desaparecem as três zonas distintas, dissolvem-se numa única mancha castanha (quase sépia) à medida que os anos (e a réstia de sol batendo na parede pelo fim da tarde) devoram linha a

linha a nitidez dos contornos. Reconhece-se ainda a paisagem, mas há sobre as coisas o resíduo dum luar lento que se esconde (como nas sanguíneas oitocentistas) para lá das últimas dunas.

Por fim, aproxima-se do almofadão de carneira pirogravada (cobre o fundo da cadeira que está por trás da mesa de vinhático) e alisa-lhe as rugas uma a uma. Lavrado a fogo, o sulco do estilete nunca se interrompe, tece a teia castanho-escura no castanho mais aberto do material, sugere uma gravura abstracta, repete com rigor o traço das dunas, margens da lagoa, a rede confusa das gramíneas, equilibrando geometricamente superfícies, volumes, relações de espaço: a arquitectura real (?) da paisagem

O homem folheia o caderno escolar poisado na mesa de vinhático (ilumina-a o halo que rodeia a casa, revela-lhe a tessitura de cetim: sulcos, veios, ondeando quase imperceptíveis). A obsessão da família continua: a criança, sentada no osso de baleia, tentou também reproduzir a paisagem, sem se empenhar numa cópia excessiva. Desenhava de cor, entre flores selvagens, movido pelo revérbero que fendeu as nuvens.

Lápis alteraram as proporções e os tons (demasiado azul, muito vermelho, algum roxo, nenhum amarelo), mas povoaram esta desolação (areia, água, sol ou luar fotográfico): surgem recortados a negro (excepto as cabeças que são laivos de fogo) os primeiros homens, cavalos, bois, carneiros, caminhando a custo entre grãos de areia grandes como penedias. Procuram matar a sede na lagoa pouco maior que uma gota de chuva. Ao alto, sobre as dunas distantes, com as asas rente às margens do papel, pairam aves brancas, esperando com certeza a sua vez de beber.

A luz do halo (que retarda a ameaça em torno da casa), o próprio tinir das goteiras, dão agora ao desenho um fulgor de fósforo, espectral.

[Cap. II]

2. O desenho infantil da paisagem

Traços densos sulcam o papel, tão unidos que formam uma pasta de espessura sem falhas. Cristais microscópicos de lápis faíscam, dão à superfície negra o fulgor de certos minérios. Corpos compactos, do mesmo tamanho (refiro-me aos camponezes). Gestos dum ritual perto do fim: braços que pendem, para equilibrar a marcha, pernas flectidas torneando os rochedos, dificilmente, a caminho da água.

Os bichos, esses, variam de corpulência. Carneiros maiores que bois; cavalos de rastos, como serpentes. Mas não custa muito reconhecê-los. Pelas cabeças:

chifres retorcidos, cornos de curvatura só insinuada, crinas erguidas ao céu. Tudo isto a arder em vários tons: roxo com vermelho por cima, laranja, açafão, tijolo.

Nas cabeças humanas o fogo é mais intenso, as chamas mais altas, e a disposição das cores (sobrepostas com fúria) esconde tons indecifráveis. Aproximo, afasto a lupa (várias vezes), tentando surpreendê-los. Não consigo. Um incêndio uniforme paira a dois ou três metros do chão, e conduz os corpos (já carbonizados? apenas com sede?) à gota azul da lagoa.

Na primeira zona de areia (parte inferior do desenho), grãos com a altura, a rugosidade dos penedos (castanho-rubro-arroxeados). A seguir, um pouco por toda a parte, gramíneas emaranhando-se ao acaso. Tufos (muito azul, algum verde) sem o arrumo das plantas reais que se abrigam na margem da lagoa onde a água tem mais profundidade; patas de aranha, inúmeras, peludas: riscos à pressa contra os grânulos do papel; e o felpo, o resíduo, doutros riscos menores (laterais) que o lápis a tropeçar deixa atrás de si.

Na zona superior do desenho, aves pairam sobre as dunas. Cores que se opõem à violência do resto (a nesga de zinco, muito longe, não as perturba). Substâncias aéreas: esboço de nuvens; branco e pérola a irisarem-se, mutuamente; cinza-pálido; azul que vacila entre a água e a luz.

Ao reunir os papéis da família (poucos e dispersos), descubro algumas notas sobre o povoamento (junto ao mar). Uma folha solta e quase ilegível: povoações temporárias nos espeques de pinho; marchas ou contramarchas (das extremas de espuma para as inverneiras); açudagem com cúmulos de terra e plantas (sobretudo gramata); espargimento: orvalho artificial nas culturas ávidas; areia pouco a pouco arável.

Analisa a letra de pioneiro, a rudeza com que foi traçada: hastes tocando as palavras, em cima e em baixo, ligam toda a escrita num encadeamento de colunas a oscilar (saliências e reentrâncias para os dois lados), como se algum peso tentasse esmagá-las sem resultado. Mantêm graficamente a continuidade dos raios que se despenham contra o fundo do papel muito áspero: ziguezagues rodeiam os nódulos chamuscados de amarelo e abrem estrias nas colunas. Mesmo através da poeira do lápis, notam-se veios claros; resguardou-os melhor a profundidade (e o próprio depósito da escrita).

Nas últimas linhas, decifro ainda estas frases: o litoral instável sob os nossos pés; as dunas prontas a mover-se; basta um golpe de vento.

Poisa a lupa, cansado.

[Cap. IV]

3. Falam os camponeses

Onde vão vocês e o vosso fogo?

Respondem todos ao mesmo tempo. Vozes embatem noutras vozes, fragmentam-se em pequenos sons incompreensíveis: um coro áspero que não se entende.

Falem os camponeses.

Estamos de passagem. Vamos à lagoa matar a sede.

Vês? A sede sempre existe: minha ou deles, tanto faz. Aqui, encenação e real coincidem.

Levanta a lupa (fixa-me através do vidro espesso, ri-se) e torna a baixá-la sobre o desenho.

Sim senhor. E depois da lagoa?

Seguimos para o norte em peregrinação. Tem caído relâmpagos de carbureto nas aldeias?

As trovoadas não param. Raios que matam gente e gado, incendeiam casas, fendem pinhais inteiros. O inferno a mudar-se, com armas e bagagens. É o que dizem nas igrejas.

O riso franze-lhe o canto dos olhos.

Aí tens a intuição. Aceita-a sem reservas.

Mesmo que lamente o êxodo (e desconfio), dunas sobre dunas, a perder de vista, não lhe desagrada ver a sua febre confirmada nos peregrinos, ter alguma razão.

E as mulheres? Ficaram a cuidar do inferno?

Não blasfemes. Partiram para o sul, de filhos agarrados às saias. Têm santos a dois passos da porta. Nós escolhemos o norte, por ser mais longe.

Pedem o quê?

Clemência e chuva. Trazemos o gado como oferenda.

Ad petendam pluviam, claro. Um silêncio breve (a vibração da sala desaparece). Quando recomeçam, as vozes soam com rudeza.

Fogo de sol a sol, relampejando nas enxadas, que remédio. Na areia germina pouco pão e as regas, além da chuva, precisam de suor. Mas os lugares malignos em nossa casa, não os merecem. Tanto sítio para pôr o inferno, e logo nos calhou a nós.

Mataram gado pelo caminho?

O silêncio, agora, é maior.

Durante a peregrinação? Algum, para sobreviver.

Ao todo, quantas reses? Um boi e dois carneiros.
Como é que os abateram?
As vozes tornam-se lentas, relutantes.
O boi? À martelada, entre os cornos: não há outra maneira (ou há?).
Os carneiros, coitados, basta uma navalha.
Iniciam então a ladainha (rumor de lume a crescer).
Nas aldeias, não matamos gado. Que seria de nós sem ele?
Murmúrio turvo, entre grãos de areia, encrespando o desenho, até atingir as aves brancas.
Puxam os carros e as charruas, dão-nos o leite e a lã, em troca dalgum pasto. Deus os abençoe.
Ao longe, enruga-se a nesga de zinco.
E morrem de velhice. A não ser que venha a peste ou o carbúnculo: nesse caso, morrem muito cedo. Como as crianças.
Cores crestadas escorrem do papel.
Mas não temos culpa. Nem mais pecados que o resto do mundo.
Poisa a lupa na mesa: o braço desce ao retardador (movimento dentro do aquário). Depois, fecha o caderno com violência. Nenhuma irritação no rosto magro. Cansaço, palidez.
E os bichos? Não lhes fazes perguntas?
Qualquer dia.
Ao menos, as aves brancas...
Nem sequer responde: levanta-se, caminha para o meio da sala. Lá fora, frente a frente, a névoa e o halo que protege a casa: até quando?
Não te aproximes da janela.

[Cap. V]

4. Povoamento

Os terrenos hoje agricultados, onde a família construiu a casa de adobos (que as cantarias, os cunhais de pedra, têm aguentado), eram dantes extensões maninhas, eriçadas de felga e gramata. Em tempos ainda mais recuados, uma flora gigantesca cobriu a região: encontra-se enterrada ao nível do mar e abaixo dele. Árvores de grande altura, entre dois lençóis de areia branca. Madeiras fibrosas, duras, de cor geralmente vermelha. Veios de barro e argila: azuis, verdes, encarnados. A combustão destas madeiras (descobertas em escavações

de acaso) é lenta e sem chama como a do carvão. Durmo sobre florestas de pedra e púrpura.

Houve talvez um desmedido intumescimento do solo, que voltou a descer arrastando-as com ele. Isso ou qualquer outro cataclismo. Terríveis ventos provocando o recuo do mar e sepultando as árvores sob o peso das dunas quando estas sossegaram. Jogos violentos da terra, que produzem ao mesmo tempo a miniatura, a fragilidade. Hastes ocas de plantas possivelmente aquáticas (os pauis submersos) fazem parte da pasta sedimentar e apresentam-se como fitas longas, lisas, secas. Por vezes, brancas; por vezes, dum tom quase fulvo.

Outros fósseis: caracóis, berbigões, búzios, raízes de cana, folhas de carrasqueiro (sobrepostas e soldadas em bloco, com o desenho das nervuras tão nítido que se pode identificar por ele o arbusto original). Partido por descuido um desses fósseis de folhas, encontra-se lá dentro uma haste de trigozeiro. Intacta. Medula alvíssima, perióstio de seda: tal e qual a seara viva. Retira-se a haste (parece acabada de ceifar) e seu molde fica impresso na pedra, como uma dedada no barro.

Há também camadas e camadas de ostras. Sem pérolas, claro. Mas posso imaginar o jogo imemorial das marés, os milhares de pequenas esferas cintilando na água preciosa, arrastadas de vertente em vertente, sempre mais para o fundo, até se apagarem. Entre os papéis da casa, agora reunidos (numa pasta de cartão grosso com fitas de nastro), encontro a segunda folha solta: mesmo papel e mesma letra de pioneiro. Contudo, lê-se muito melhor: corte é o fosso transversal aberto pela cava; estono, a terra colocada frente ao corte, com gramíneas e adubos verdes; outra cava arrasta-o para dentro do corte: elfa é o corte cheio pelo estono; e manta, a terra posta sobre o estono e a elfa; chamo a isto o rumor da surriba.

Ainda uma terceira (e última) folha: noite iluminada por marceneiros; móveis fulgurando somem-se no ar; alguém pergunta: eram de cerne ou ouro? Um espaço em branco, reservado (talvez) à resposta; e ao fundo da página (letra, colunas, a desagregar-se, como se o apontamento fosse escrito em sobressalto ou a meio da noite): carpinteiros também misteriosos; este carro de bois, por ex., entre revérberos e chuva; construído de palavras antigas: chedas, cantadoiras, canga, tamoeiro, relhas, garrida, amiúle; através de sonhos, acorda-me outra vez.

[Cap. XI]

5. A “criação vagarosa da terra”

– A propriedade (o seu ordenamento) obedece agora a regras imutáveis. No começo, não. Há um século ou dois, oscilaram bastante. Direi mesmo: imitaram a natureza (dunas feitas, desfeitas, pelo vento).

A voz do executor fiscal, com dobradiças entre as palavras. Excesso de saliva: escorre pelos cantos da boca, mas coalha tão depressa que as dobradiças rangem desagradavelmente:

– O areeiro não tinha dono. (Em teoria, claro, era o estado). Deu-se a ocupação selvagem do solo. As concessões, os foros, os arrendamentos, só vieram depois: legalidade incerta, contestada. Foi preciso tempo (e sangue, já se vê) para esclarecer a posse definitiva da terra.

Fecho os olhos. Voz sem nenhuma suavidade: gráfico de linhas rectas; um eixo irradiando (para baixo, para cima) ângulos agudos, até quando os sons são mais roucos:

– A herança, o casamento, a troca, a venda, continuam a dividir (ou a acumular) a propriedade. Com esta diferença: regras fixas, segurança nos processos de transformação. As normas sedimentaram. No modelo legal que a própria experiência sociológica passou a escrito. Artigos, parágrafos, alíneas, regulando o geral, o particular, o pormenor dos pormenores. Um colete-de-forças, por assim dizer, que sossegou os dados iniciais: areia, vento, instabilidade. Difícil progredir doutra forma.

Pausa; um ruído de saliva aspirada, arrancada aos cantos da boca; coágulos batem contra os dentes:

– Nada de pessoal. Declaro sem hesitações (embora isso me limite o exercício do cargo) que lamento a hipoteca, o regresso (para si) da instabilidade. Nós preferimos as coisas de pedra e cal. Impostos pagos, segurança de pessoas e bens. Infelizmente, não é assim. A lei configura o arquétipo regulador: pode talvez aperfeiçoar-se, mas não muito. No plano das relações há menos perfeição: choques, mudanças, ou pequenos acertos. Aqui tem a essência do problema e (por acréscimo) o meu dever. Nada de pessoal, repito.

Reabro os olhos. O amigo da família inicia a sua proposta. Serões com a lenha a rarear de inverno para inverno. E a reminiscência desta voz: duas falas simultâneas que não chegam a sobrepor-se (a unificar-se) por completo. Variações de timbre, de pronúncia? Como analisá-las? Se de facto existem; se não forem uma obsessão de criança:

– Ponto de vista profissional. Eu compreendo. Mas vejo coisas diferentes: homens que chegam ao deserto; meia dúzia de alfaias (e, quem sabe, meia dúzia de reses); cabanas desabrigadas; criação vagarosa da terra. Porque eles criaram-na, depois de Deus, e a lei (até hoje) não o menciona. Aí tem uma lacuna importante.

Desdobramento de som; o eco, a sílaba que se prolonga, a gaguez disfarçada, não são assim. Hipóteses a considerar: ressonância no palato artificial; emissão que uma das cordas vocais retarda; dentadura postiça com defeitos de ajustamento; desvio do septo nasal. Sob o bigode ralo, o golpe numa cicatriz (lábio leporino, cirurgia):

– A lei está ainda a caminho. Há-de consignar um dia a moral histórica, reflectir a memória do povoamento, pôr um freio aos oportunistas. Ideias gerais, para outra conversa. O nosso problema agora é este: adiar a execução da hipoteca, neutralizá-la, impedi-la. Temos vários meios de resgate, se formos minuciosos; mas apenas um de efeito prático imediato, que permite respirar melhor e ganhar tempo. Heterodoxo (à primeira vista), não passa numa corrigenda (insignificante) ao texto da lei, quando ela falha e se esquece de proteger a propriedade, em momentos de apuro. Já lá vamos.

– Descubro enfim o enigma da voz: imitar outra voz, recordá-la. Um laivo feminino. Uma chama ao longo dos anos, desde os serões quase sem lenha (agora, brilha: halo a envolver a casa, trabalho fiel de pirogravura).

– Defendo signos superiores: estrelas sobre pioneiros, dunas, morte. Defendo a permanência da propriedade nas mesmas mãos familiares (através do tempo), se for possível. Neste caso, é possível. E ainda bem.

Examina atentamente o executor fiscal:

– Basta um pouco de boa vontade: escrever direito por linhas tortas. Não somos os primeiros. Já o fez Quem abomina o fanatismo (sobretudo, ao serviço de leis menores que as Suas).

Depois, volta-se para mim. Prolongar o sonho, os serões (e propor-me o último dilema):

– Há dívidas e dívidas. Gostava de pagar a minha, se não te importasses.

Torno a fechar os olhos. As goteiras vibram lá fora, no jardim: não sei porquê, penso em gisandras minúsculas a estalar.

[Cap. XX]

6. A casa

Desfazer os laços de nastro e abrir a pasta que reúne os papéis da família. Encontrados por toda a parte (poucos mas dispersos): estantes da sala, cofre-miniatura do avô, gavetas da cómoda holandesa, baús do tio, livros de escrituração. Revê-los vagorosamente.

A casa teve, desde o início, várias metamorfoses. Uma, documentada: e embora o documento não seja utilizável na totalidade, houve sem dúvida por essa altura (fins do século passado?) modificações e aumentos, a partir do corpo principal (que dá sobre a paisagem deserta). Nasceram a ala norte, a adega nova, as tulhas, a estrebaria (hoje, arruinadas). E do outro lado, frente à lagoa e às dunas, o jardim (agora, na fase final do abandono: as gisandras continuam a emaranhá-lo, a dissolvê-lo).

Detém-se numa folha de papel vegetal: a planta das obras. Traçada pelo próprio avô? Manchas de humidade apagaram zonas inteiras do projecto. Ficou, no entanto, uma parte ainda visível, e podem ler-se ao alto, sem dificuldade, algumas palavras (letras maiúsculas, tinta violeta-pálido), com setas a indicar a sua localização exacta no conjunto do esboço: lintel,ilharga, silharia afeiçoada, pano-de-peito, corredouras, módulo, cimalha. Não sabe ao certo o que significam. Verga de pedra a escorar a parte superior duma porta, saliência que sustém os beirais, parede colateral, parede facetada, alvenarias (calcárias), algeroz, formas integrantes, modelamento dessas formas? Ignora-o (ou conhece-o de maneira imprecisa): as razões condutoras da família esfumam-se com a casa.

Ponho uma cartolina clara por baixo do projecto (auxílio quase nulo: duvidosa, a transparência do papel). Pego na lupa e soletro as palavras. Sinto-as desencarnadas, sem substância real: ritmo apenas, música tecendo (sobre alinhamentos de adobo, cunhais e cantarias) uma teia frágil de sonhos (ou preconceitos?). Compreendo-as mal, e dou ao fumo o nome das achas queimadas.

O halo perde intensidade; as intermitências tornam-se irregulares outra vez: períodos de penumbra muito prolongados. A névoa recompõe-se (o tom quase roxo, quando a radiação foi intensa, desaparece) e infiltra-se na sala: lufadas maiores e mais escuras, que diluem o rigor das arestas já hesitante (paredes, tecto, rodapé). Afinal nem tudo pode ser consistente como as misagras de ferro. Alguma fresta nos caixilhos de castanho, algum nódulo poroso na vidraça.

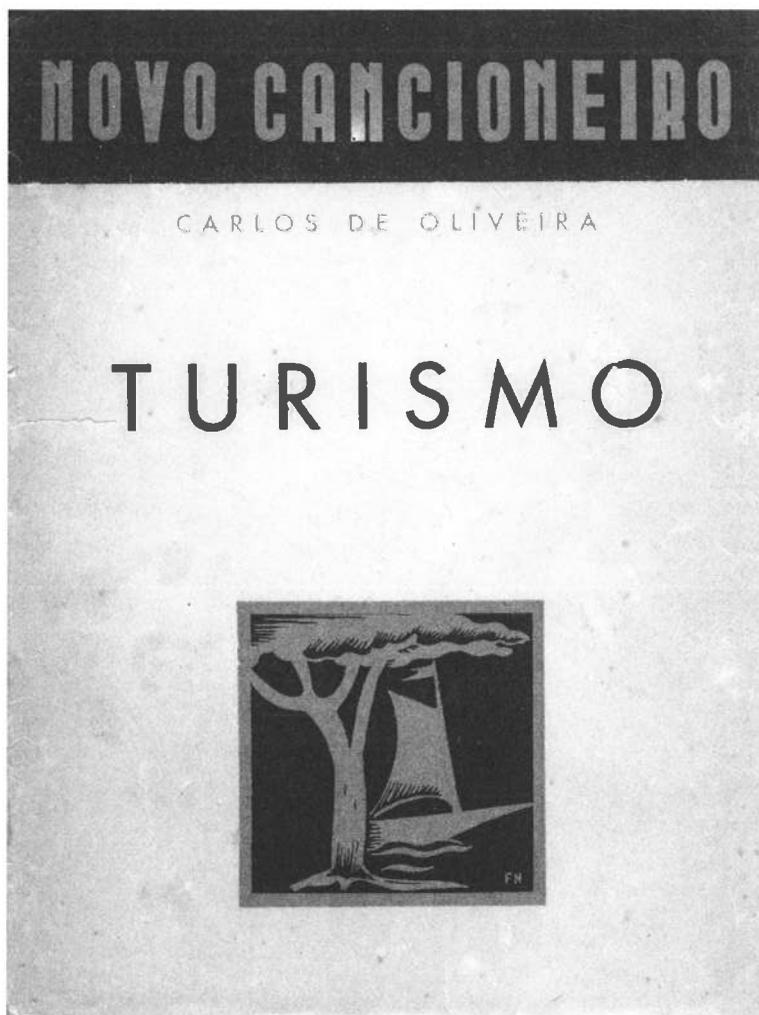
Não medi ainda as superfícies frágeis (portas, postigos e janelas) em contacto com o exterior, nem o pé-direito da sala (as verdadeiras linhas de resistência).

Exagerei com certeza a importância da deambulação nocturna pela casa e o poder do halo contra as ameaças lá de fora. Não é só a névoa: a lama das gisandras começa também a entrar. Alicerces velhos (os mesmos do início) que ninguém reforçou: pelo menos, a palavra não está no projecto. Mudaram imperceptivelmente: décadas e décadas de escuridão. Metamorfoses invisíveis (talvez as mais importantes).

Vejo (num breve fulgor do halo) a golfada gelatinosa rondando a cadeira de espaldar, onde esteve o executor fiscal (e, a seguir, a mulher dos dois rostos). Nasce no vão da janela (em baixo, junto do rodapé: linha aberta entre duas tábuas podres), espraia-se pelo tapete. Dissolve (primeiro) a cinza que tombou do xaile de merino; e depois (à segunda investida), arrasta os grãos de saliva do executor, que tilintam (e brilham) até desaparecer.

[Cap. XXXIII]

Trabalho Poético



Turismo, Carlos de Oliveira, Il. Fernando Namora, 1ª ed., Coimbra: Portugalia, 1942, Novo Cancioneiro, 7

Gândara

I

Gândara sem uma ruga de vento.
Sol e marasmo.
Silêncio feito de troncos
e de pasmo.

Campos, pinheiros e campos
quietos. Tanto,
o sol parado
encheu-me os olhos de espanto.

[Turismo, 1942]

II

Sapos à beira da lagoa.
Quedos.
As águas negras
fazem dos sapos,
adormecidos em calhaus,
monstros sobre penedos.

Dorida, a terra dorme
a noite duma vez.
E sujo e baço,
enorme,
anda o luar
sobre a planície de aço.

[Turismo, 1942]

VII

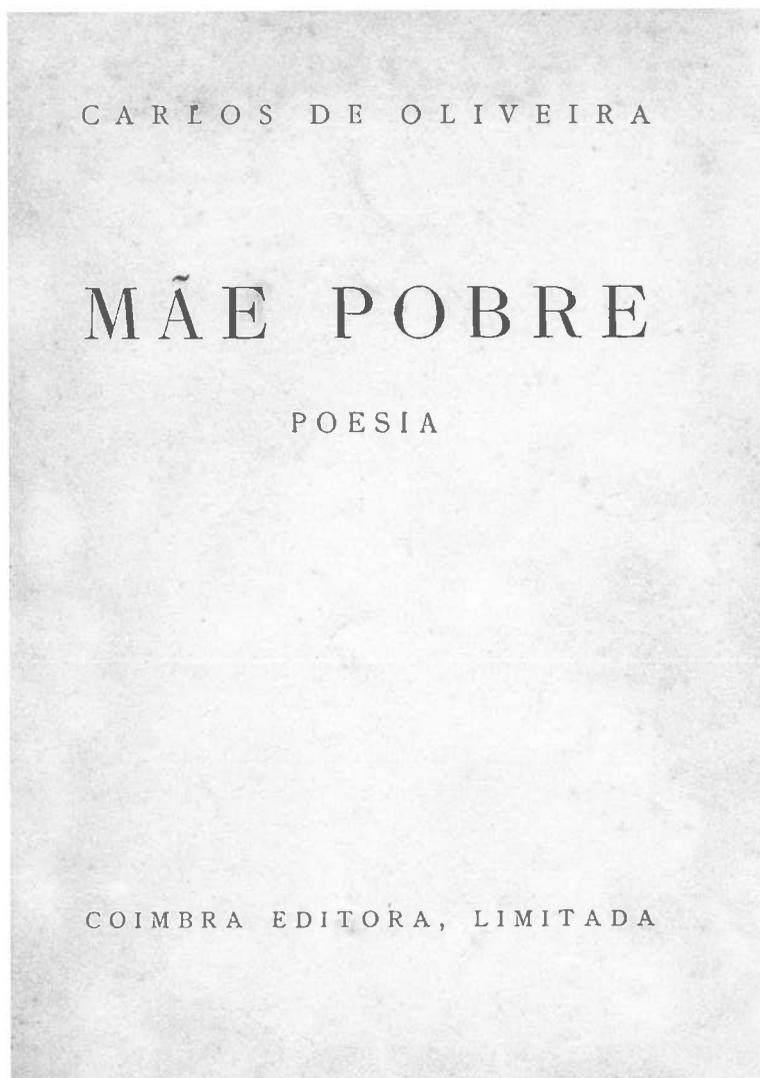
Vai na lagoa um cheiro de maré,
cheiro de juncos, o que a tarde teve.
Mulheres da monda mondam na maré,
de joelhos nus, ao sol dum dia breve.

Aquieta-se em modorra a planície,
os olhos das mulheres gotejam sono.
É quase raiva a praga que se disse
à carne arrepiada do outono.

Asas descem o dia, um olhar estreita
aves e campos. Sob os céus doirados,
juncos colhidos a um sol de mágoa.

Corre à lagoa um frio de maleita.
E coras. Os sapos abismados
espreitam teus seios pelo espelho da água.

[Turismo, 1942]



Mãe Pobre, Carlos de Oliveira, 1ª ed.,
Coimbra: Coimbra Editora, 1945

3

Quem soprou na gândara
a última chama?
Se quiseres, ó morte,
abro-te os lençóis
e dou-te a minha cama.

Vai meu coração
pelas aldeias moiras
onde pena e erra,
peregrinação
ao tojo da terra.

Caminheiro cansado
sem nenhum bordão,
onde houver um sonho
para ser sonhado
está meu coração.

[Mãe Pobre, 1945]

2. Memória de João Santeiro

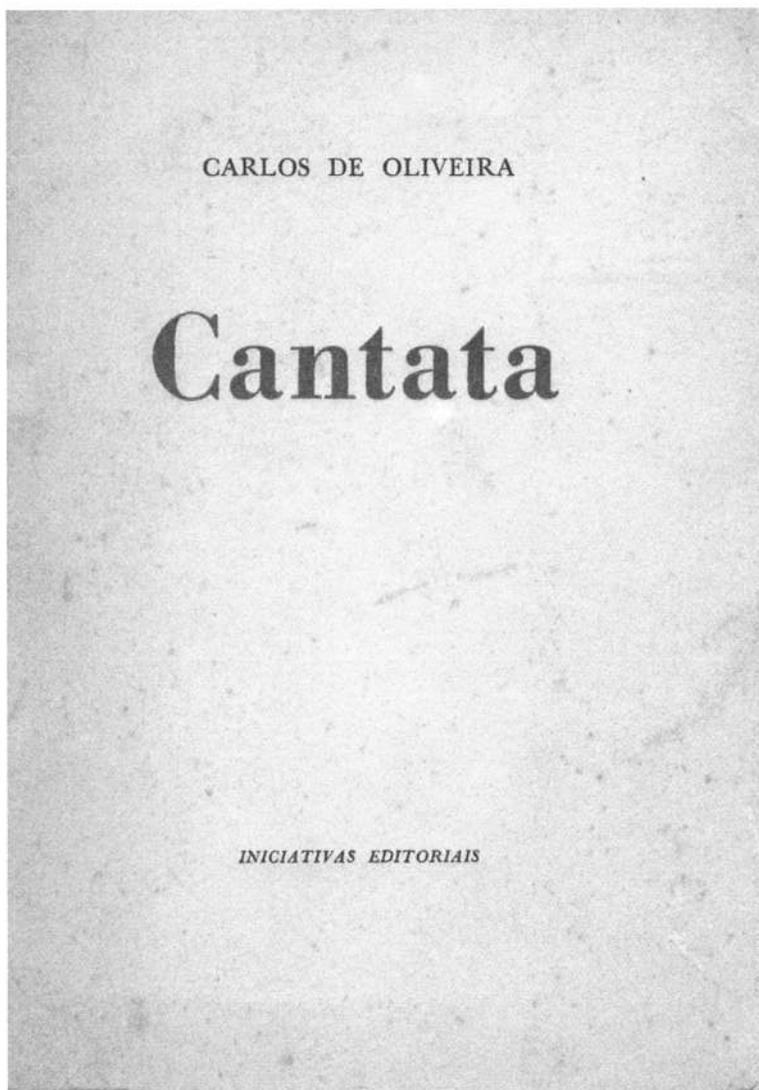
Escrevo sem pensar:
umã asa de corvo.
Pois sem querer falei de ti,
gandarês torvo.
E arrefeço ao lembrar-te
a esta vela quase derretida,
enquanto a gândara a apagar-se
te gela a mão erguida.
Já no fim a cera cai em bagas:
tremo à tua lembrança
assolando sem lei e sem destino
as noites sem esperança.
Acabou-se-me a luz: é bem a tua vida
uma asa de corvo que me assombra.
Tremo porque te sinto perto:
serás tu que me tocas? ou a sombra?

[Mãe Pobre, 1948]

3. *Cruz à beira do caminho*

Recordo-te, caminheiro esquecido:
eras o corpo do povo e a sua voz;
aqui jazes,
aqui jazemos nós.
O milho que não colheste, a casa destelhada
e a terra que não te deram
são o silêncio que nos perde
onde o luar e as estrelas te perderam.
E enquanto a vida nos ladrar
como os cães ao rasto dos pés nus,
morto da gândara
ficam estes dizeres na tua cruz.

[Mãe Pobre, 1948]

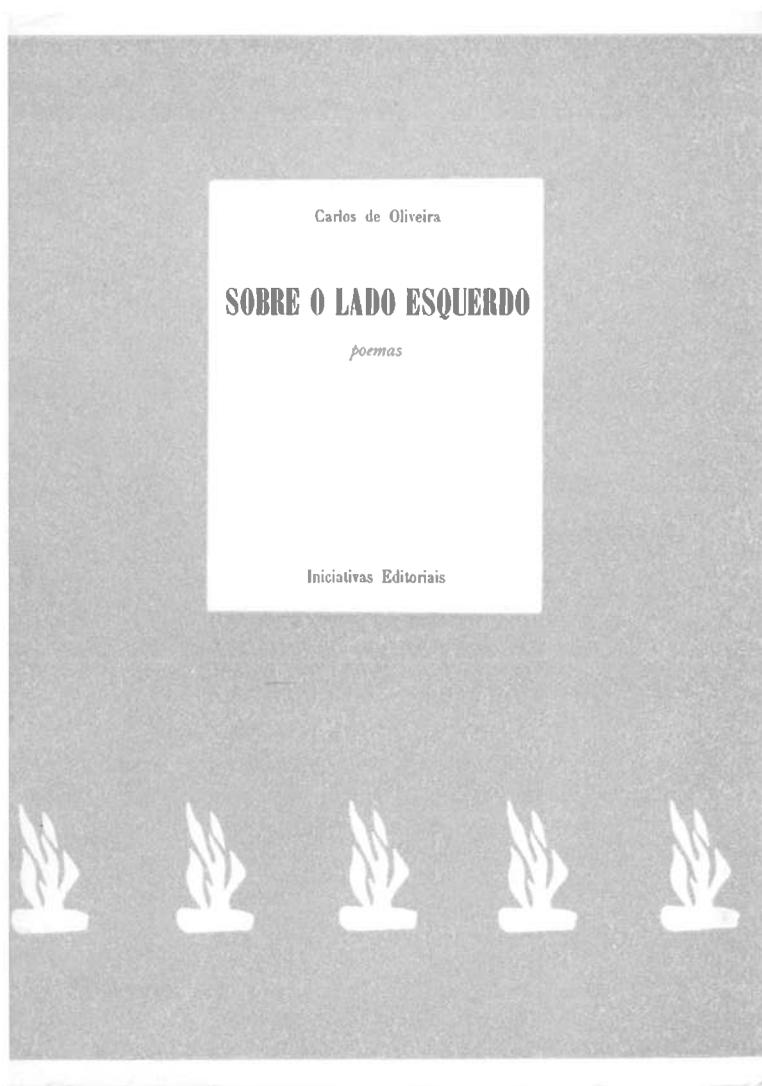


Cantata, Carlos de Oliveira, 1ª ed.,
Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1960

Névoa

A morte em flor
dos camponeses
tão chegados à terra
que são folhas
e ervas de nada
passa no vento
e eu julgo ouvir
ao longe
nos recessos da névoa
os animais feridos
do Início.

[Cantata, 1960]



Sobre o Lado Esquerdo (1961-1962), Carlos de Oliveira, 1ª ed.,
Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1968

Desenho infantil

II

Os camponeses, esses, destinados às sepulturas rasas, aos estratos de mortos sobre mortos, servem-se do pinho, dos adobes (materiais perecíveis), erguem casas na lama, manuseiam utensílios tão rudimentares como a charrua de madeira. Passam sobre a areia e as pegadas somem-se depressa, «mas carregam aos ombros a pedra do meu lar (pensa a criança obscuramente) e a minha lápide futura».

III

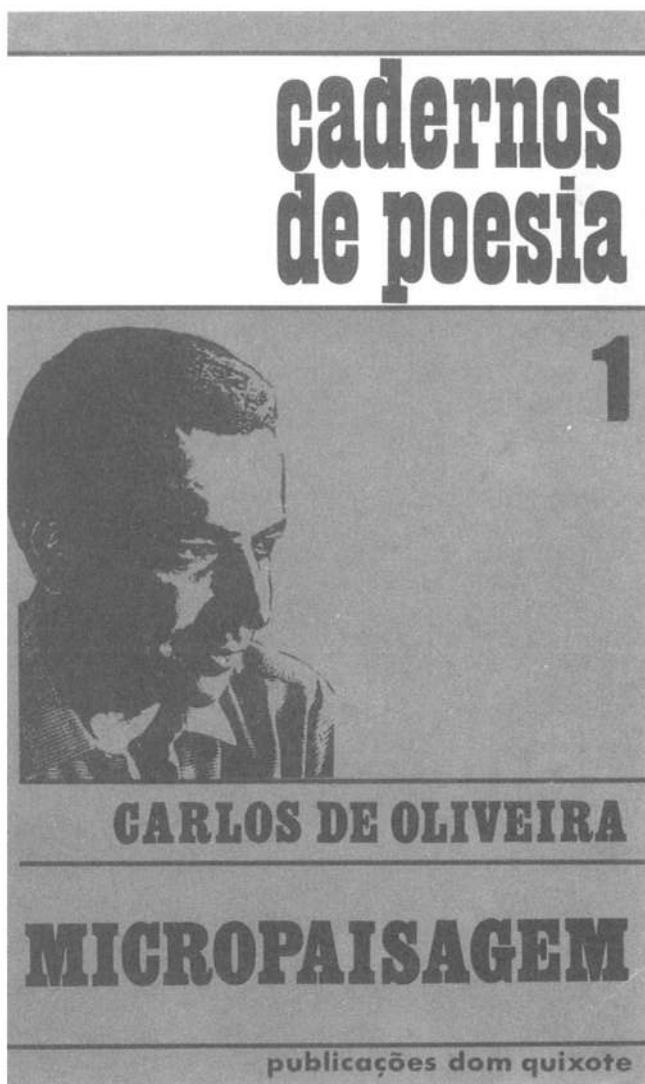
É fácil ver ainda nos cadernos escolares, no espólio que as razões de família acautelaram em arcas protectoras, a cólera das cores, a impaciência dos traços que rasgam o papel: imaginava dunas ocres, chuva a desabar num ímpeto castanho, animais de chifres encarnados resistindo à matança, lobisomens com a violência azul dos cavadores a levantar a enxada, sóis estilhaçados, como se a luz batesse nas janelas e a criança as partisse.

[*Sobre o Lado Esquerdo*, 1968]

Casa

A luz de carbureto
que ferve no gasómetro do pátio
e envolve este soneto
num cheiro de laranjas com sulfato
(as asas pantanosas dos insectos
reflectidas nos olhos, no olfacto,
a febre a consumir o meu retrato,
a ameaçar os tectos
da casa que também adoecia
ao contágio da lama
e enfim morria
nos alicerces como numa cama)
a pedregosa luz da poesia
que reconstrói a casa, chama a chama.

[Sobre o Lado Esquerdo, 1968]



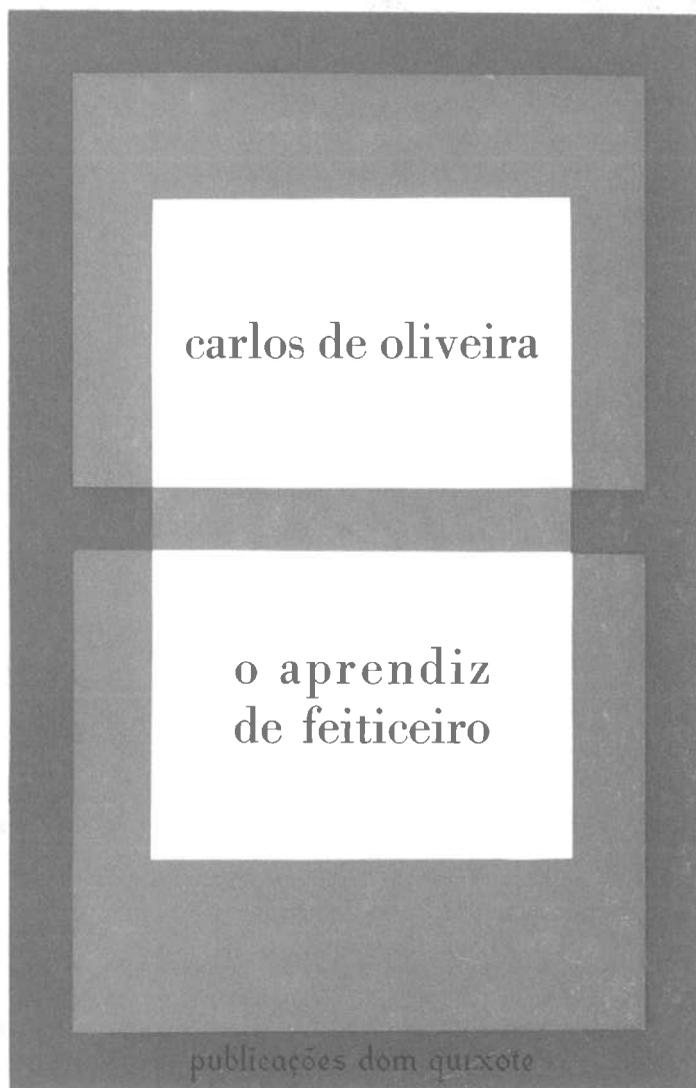
Micropaisagem, Carlos de Oliveira, 1ª ed., Lisboa: Publicações D. Quixote, 1968, Cadernos de Poesia, I

Estalactite

I

O céu calcário
duma colina oca,
donde morosas gotas
de água ou pedra
hão-de cair
daqui a alguns milénios
e acordar
as ténues flores
nas corolas de cal
tão próximas de mim
que julgo ouvir,
filtrado pelo túnel
do tempo, da colina,
o orvalho num jardim.

[Micropaisagem, 1969]



O Aprendiz de Feiticeiro, Carlos de Oliveira, 1ª ed.,
Lisboa: Publicações D. Quixote, 1971

O Aprendiz de Feiticeiro

1. *Micropaisagem*

.....
2) Meu pai era médico de aldeia, uma aldeia pobríssima: Nossa Senhora das Febres. Lagoas pantanosas, desolação, calcário, areia.

Cresci cercado pela grande pobreza dos camponeses, por uma mortalidade infantil enorme, uma emigração espantosa. Natural portanto que tudo isso me tenha tocado (melhor, tatuado). O lado social e o outro, porque há outro também, das minhas narrativas ou poemas publicados (quatro romances juvenis e alguns livros de poesia) nasceu desse ambiente quase lunar habitado por homens e visto, aqui para nós, com pouca distanciação. A matéria de alguns poemas da «Micropaisagem», talvez mais decantada, mais indirecta, é a mesma. O que não quer dizer evidentemente que tenha desaproveitado experiências diferentes (ou parecidas) que a vida e a cultura me proporcionaram depois.

3) Neste livro, o tema da memória surge várias vezes. A memória, uma estalactite. Certo dia, rebentando como de costume (a tiros de pólvora) uma das breves colinas gandaresas donde extraem a sua cal, os camponeses viram com espanto que a colina era oca. Estalactites suspensas do céu calcário. Gotas de água? De pedra? Por esta referência longínqua e autêntica começa o primeiro poema do livro. Mas não só a memória. Também o tempo, a elaboração do poema através dos estratos sobrepostos do tempo, com um rigor que simula a reacção química ou um pequeno sistema planetário. Todo esse rigor, toda essa frieza, partiram assim do real, do quotidiano. Frieza aparente, julgo eu. O livro, qualquer livro é uma proposta feita à sensibilidade, à inteligência do

leitor: são elas que em última análise o escrevem. Quanto mais depurada for a proposta (dentro de certos limites, claro está), maior a sua margem de silêncio, maior a sua inesperada carga explosiva. A proposta, a pequena bomba de relógio, é entregue ao leitor. Se a explosão se der ouve-se melhor no silêncio.

4) Ainda a memória. Além do que já disse e do que falta dizer (homens e mulheres que perdem nas suas camas a memória uns dos outros, amor que deixa de reconhecer o rosto que lhe serviu de espelho, etc.), o poema que fecha o livro tenta criar e analisar um processo visual do esquecimento. Os elementos físicos, reais, desse processo são também trazidos das lagoas purulentas da microflora de árvores doentes. Mas páro aqui. A proposta não deve ser muito explicada, lembram-se? E de resto cingi-la apenas à memória, a circunstâncias remotas, torna-a com certeza mais pobre.

.....

7) Perguntam-me ainda porque falo tanto da infância. Porque havia de ser? A secura, a aridez desta linguagem, fabrico-a e fabrica-se em parte de materiais vindos de longe: saibro, cal, árvores, musgo. E gente, numa grande solidão de areia. A paisagem da infância que não é nenhum paraíso perdido mas a pobreza, a nudez, a carência de quase tudo.

Desses elementos se sustenta bastante toda a escrita de que sou capaz, umas vezes explícitos, muitas outras apenas sugeridos na brevidade dos textos. E disse sem querer uma palavra essencial para mim. Brevidade. Casas construídas com adobos que duram sensivelmente o que dura uma vida humana. Pinhais que os camponeses plantam na infância para derrubar pouco antes de morrer. A própria terra é passageira: dunas modeladas, desfeitas pelo vento. Que literatura poderia nascer daqui que não fosse marcada por esta opressiva brevidade, por este tom precário, de mais a mais tão coincidentes com os sentimentos do autor?

2. "A fuga"

.....

Passei a infância aqui. Conheço já a cor incerta, o branco transformado em roxo, o roxo em cinza, da névoa que bate na janela. E o peso do silêncio nas traves do telhado, a humidade irrespirável, a luz difícil. Nos meados do outono, antes do verão de S. Martinho, e mais tarde, no inverno, antes das chuvas de fevereiro, são vulgares as manhãs cerradas. Nascem do mar, das lagoas, invadem na sua marcha opaca e lenta pinhais, aldeias, dunas.

.....

4) Casas, árvores, areia, surgem ainda indecisas, mas surgem, do nevoeiro que se rarefaz hora a hora. O vento empurra-o, abre-o de meio a meio, sopra-o. A cápsula espacial encontra enfim pontos próximos de referência, começa a aterragem. Sinto a descompressão interna, a esponja esvaziar-se, o sangue correr por todo o corpo. Acordo numa hibernação.

A meio da tarde vê-se o outro lado do largo. Acácias, eucaliptos, plantados ao acaso. Grandes raízes afloram a duna, mergulham por baixo da capela setecentista. Como elas engrossaram. Troncos caídos?, ossos na sua brancura areenta?, que o vento marinho descarna. Bate na muralha de névoa, rasga-a. Punhados de sílica estalam na vidraça com um ruído de granizo. Não sei quanto tempo as paredes já abaladas da capela resistirão às raízes. Como elas cresceram.

.....

5) As casas apodrecem. Vejo-as agora bastante bem. Nenhum vestígio de nevoeiro; o vento sumiu-o no labirinto dos pinhais. Serenidade, nitidez. O contacto da bruma, carregada de sal, envernizou as coisas mas o resíduo salino está a corroê-las por baixo do verniz: entranhou-se na casca das árvores, nos adobos, na fenda das telhas. Cintilação suave, espécie de morte. O fungo das paredes absorve os elementos marinhos, serve-se deles para minar o saibro, a pedra, a cal, com mais facilidade. No seu falso esplendor as casas apodrecem. Quando torna o verão fumegam. E o resto da humidade que se retira (para voltar mais tarde: chuva, nevoeiro) deixando as construções farelentas. Cai poeira das casas como caruncho das pranchas de madeira doente. Apodreceram.

Notas biográficas

«Pensando bem, não tenho biografia. Melhor, todo o escritor português marginalizado sofre biograficamente do que posso denominar complexo do iceberg: um terço visível, dois terços debaixo de água.» (Carlos de Oliveira. *O Aprendiz de Feiticeiro*, 2ª ed., Lisboa, Seara Nova, 1973, p. 233)

«Venho de famílias arenosas (pântanos, pinheiros, dunas)...»
(*Ob. cit.*, p. 174)

Principais fontes: F. Moura, «Perfil de Carlos de Oliveira», *Vértice*, XXXIII (1973), n.º 354-5, pp. 686-692; Carlos Reis, *Introdução à leitura de «Uma Abelha na Chuva»*, Coimbra, Almedina, 1980, pp. 23-34; e informações colhidas directamente, em especial junto de Ângela Oliveira e Joaquim Namorado. [Estas notas foram publicadas pela primeira vez na revista *Vértice*, nº 450/1 (1982), no já referido número especial de homenagem a Carlos de Oliveira.]



Largo de Febres
(Colecção particular de Ângela de Oliveira)

1921

A 10 de Agosto nasce Carlos de Oliveira, em Belém do Pará (norte do Brasil), filho de portugueses emigrados. O lugar do nascimento não deixará de se reflectir nos seus futuros primeiros poemas, havendo em alguns uma explícita invocação brasileira: a 1ª parte de *Turismo*, seu primeiro livro de poemas, chamar-se-á «Amazónia».

«A Amazónia insondável onde eu nasci.» (*O Aprendiz...*, p. 179)

1923

Vem para Portugal com os pais, que se instalam na região da Gândara, no noroeste do concelho de Cantanhede, primeiro no lugar da Camarneira – onde vive o avô e o pai vai exercer medicina –, depois, passados quatro anos, na vizinha povoação de Febres, para onde o pai, tendo sido designado médico municipal, se mudou e onde ele vai frequentar a escola.

É na Gândara que Carlos de Oliveira passa a infância, e a essa região se manterá ligado até ao fim da vida, reflectindo-se esse mundo de infância em toda a sua obra de escritor.

«Meu pai era médico de aldeia, uma aldeia pobríssima: Nossa Senhora das Febres. Lagoas pantanosas, desolação, calcáreo, areia.» (*Idem*, p. 260). «Trago a janela de longe, da casa do meu avô.» (*Id.*, p. 22).

1931

Frequenta durante dois anos o ensino secundário no colégio particular de Cantanhede, sede de concelho da região gandaresa (vila que inspirará a «Corgos» dos seus romances).

1933

Passa a frequentar o Liceu D. João III, em Coimbra (actual Escola Secundária José Falcão), cidade em que permanecerá até 1948, onde fará a sua formação intelectual e ideológica e onde publicará grande parte da sua obra^(*).

1937

Com apenas 16 anos publica, em co-autoria com Artur Varela e Fernando Namora, o livro *Cabeças de Barro*, contribuindo com três contos e um poema;

^(*) Sobre o período coimbrão de Carlos de Oliveira ver Carlos Santarém Andrade, «'Correm as lágrimas ao rio', Carlos de Oliveira em Coimbra», *Vértice*, nº 450-1, 1982, pp. 663 ss.

entretanto, colabora no jornal estudantil do liceu, *Alvorada* (1935-8), quer com o seu nome próprio, quer com o pseudónimo «Carlos Ganda» (pseudónimo este que será recordado muitos anos depois, na «nota final» de *Finisterra*). Publica igualmente poemas e artigos em vários jornais, de Coimbra e mesmo dos arredores (como *Anadia*). No liceu convive especialmente, além de Namora, com Joaquim Barradas de Carvalho e Egídio Namorado.

1941

Ingressa na Universidade de Coimbra (Faculdade de Letras). Estabelece (ou desenvolve) amizade, convívio intelectual e solidariedade ideológica e política com um grupo de outros jovens (ele era o mais novo) poetas, escritores e intelectuais – Joaquim Namorado, João José Cochofel, Rui Feijó, Fernando Namora e outros (grupo que alguém mais tarde designou por «geração de 40») –, que, em ruptura com o esteticismo “presencista” (protagonizado sobretudo por José Régio) e empenhado na afirmação de um «novo humanismo», explicitamente marxista, será agente fundamental do movimento neo-realista (sobretudo através de iniciativas culturais de relevo histórico: «Novo Cancioneiro», «Novos Prosadores», revista «Vértice», etc.), o qual, sob o impacto do desenvolvimento do fascismo (traduzido na consolidação interna do salazarismo, na vitória franquista em Espanha, e na guerra desencadeada pelo nazismo), assumirá o compromisso dos intelectuais e dos escritores com a resistência e a luta pela libertação.

«Quanto ao meu contacto com o movimento [neo-realista], o que posso dizer é que ingressei na Faculdade, em Coimbra, ainda muito moço (19 anos). Estávamos em plena guerra. Foi nessa altura, em Coimbra, que tomei contacto com estudantes escritores, tais como o Fernando Namora e outros, que, devo dizer, eram, regra geral, 3, 4 anos mais velhos do que eu, o que, na altura tem bastante importância. Eu era o benjamim. Tinha dois ideais: um era escrever, e outro era próprio dessas idades – juntar-me a eles e combater por uma causa justa. Foi assim que me integrei no grupo, li os mesmos livros que eles (éramos uma só voz). Isto é importante: o que de mais bonito existiu neste período foi o sentimento de camaradagem que cresceu entre todos nós.» (Carlos de Oliveira, entrevista feita em 29-6-81 e publicada postumamente no nº 13 do «Suplemento cultural» de *O Diário* de 1-11-81).

Outra das suas referências coimbrãs, aliás comum aos restantes jovens escritores referidos, era o poeta Afonso Duarte, bastante mais velho, uma espécie de personalidade tutelar do grupo. Um dos mais belos textos do *Aprendiz de Feiticeiro* («A dádiva suprema») é dedicado justamente ao poeta da Ereira.

Paisagem Povoada: a Gândara na obra de Carlos de Oliveira



Carlos de Oliveira, anos 40
(Colecção particular de Ângela de Oliveira)

1942

Publicação do seu primeiro livro, *Turismo*, volume de poemas, com ilustrações de Fernando Namora, composto por duas partes, uma dedicada à Amazónia e outra à Gândara. O livro apareceu integrado na colecção «Novo Cancioneiro», publicada em Coimbra, a qual desempenhou papel primordial na poesia neo-realista e que, tendo sido iniciada em 1941, com o livro *Terra*, de Fernando Namora, já tinha incluído também, ou haveria de incluir, até 1944, obras de Mário Dionísio, João José Cochofel, Joaquim Namorado, Álvaro Feijó, Manuel da Fonseca, Sidónio Muralha, Francisco José Tenreiro e Políbio Gomes dos Santos.

1943

Publica o seu primeiro romance, *Casa na Duna*. É o 2º volume da colecção «Novos Prosadores», publicada pela Coimbra Editora, que havia sido inaugurada com *Fogo no Noite Escura*, de Fernando Namora, e que haveria de publicar, entre outros, Mário Dionísio e Vergílio Ferreira. Esta colecção era na ficção neo-realista o que o «Novo Cancioneiro» era para a poesia.

1944

Publicação de novo romance, *Alcateia*, igualmente na colecção «Novos Prosadores», livro que virá a ser apreendido. Sai a 2ª edição da *Casa na Duna*.

1945

Novo livro de poemas, *Mãe Pobre*. Sai uma nova (e última) edição de *Alcateia*, modificada. Colaboração na *Seara Nova*. Integra o grupo que toma a seu cargo a renovação da *Vértice*, fundada em 1942, passando a fazer parte do seu secretariado, onde se manterá até deixar Coimbra. Colaboração na *Vértice* com poemas (no 1º fascículo da nova série) e um artigo sobre Faulkner («Sombra de Jeeter Lester», fascículo 2).

1946

Colaboração em várias revistas e publicações colectivas, por exemplo: na *Seara Nova* (entre outras coisas, com um excerto do futuro romance *Pequenos Burgueses*); na *Vértice* (uma nota, «Artistas», no fasc. 5, de Fevereiro de 1946, e traduções de Eluard, Cassou e Supervielle, no n.º especial dedicado à resistência francesa, o n.º 40-42, de Dezembro de 1946); no livro de Lopes-Graça, *Marchas, Danças e Canções*, colectânea de poesias de vários poetas,

musicadas por aquele, canções que vieram a ser conhecidas por «heróicas». Na mencionada nota «Artistas», afirma:

«O artista de hoje não pode abdicar da sua qualidade de homem político, nem a sua obra ou a sua vida podem estar fora do jogo em que agora se joga decisivamente a paz, a segurança e a felicidade dos homens.»

1947

Conclui a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, sendo a tese uma *Contribuição para uma estética realista* (não foi publicada), onde trata os problemas fundamentais da polémica teórica dessa altura, como os da autonomia da arte, da relação forma-conteúdo e da função social da arte. Colaboração na *Seara Nova* e na *Vértice*. Palestra sobre Raul Brandão, no Ateneu de Coimbra (publicada na *Vértice* e depois no *Aprendiz de Feiticeiro*).

1948

Organiza, com Joaquim Namorado, a colecção de poesia «O Galo», iniciada com o livro *Poesia* de José Gomes Ferreira. Publica, nessa colecção, o seu terceiro livro de poemas, *Colheita Perdida*. Sai também o romance *Pequenos Burgueses*, integrado, tal como os livros de ficção anteriores, na colecção «Novos Prosadores». Colaboração na *Seara Nova* e na *Vértice*. Participa com um poema para a *Homenagem a Gomes Leal* (editada na colecção «O Galo»).

Muda-se para Lisboa, continuando todavia a deslocar-se a Coimbra (e também à Gândara) com alguma frequência. Experiência frustrada como professor numa escola técnica.

1949

Casamento com Ângela, uma jovem madeirense que conhecera na Universidade, e que será sua companheira e colaboradora permanente, aparecendo amiúde mencionada, sob nomes anagramáticos (Geelna, Ann Gall, etc.), em muitos escritos (por ex. no *Aprendiz de Feiticeiro*) e que inspira ou a quem são dedicados vários poemas (por ex. «Carta a Ângela» e «Ilha» de *Terra de Harmonia*) e o romance *Finisterra*.

«Ainda jovem quando a conheci. Os olhos mais claros do que hoje (a vida escureceu-lhos bastante), o cabelo solto num halo de bruma e brisa, que faz pensar nos amanheceres da sua ilha (...)» (*O Aprendiz...*, cit., p. 222).

Colaboração poética na *Vértice*.

1950

Publicação do livro de poemas *Terra de Harmonia* (incluindo «Descida aos Infernos»).

Instala-se definitivamente em Lisboa onde residirá até à morte. Após uma tentativa, breve abandonada, no ensino, emprega-se primeiro no arquivo de um jornal (1951-52), depois na redacção de uma revista, onde trabalhará durante bastantes anos (1953-1972), até, finalmente, se dedicar exclusivamente ao trabalho literário.

Ao longo dos anos mantém convívio assíduo com escritores e poetas de sucessivas gerações (José Gomes Ferreira, Mário Dionísio, João José Cochofel, Fernando Namora, Manuel da Fonseca, Joel Serrão, Augusto Abelaira, Jorge Reis, Urbano Tavares Rodrigues, Álvaro Salema, Herberto Helder, José Cardoso Pires, Alexandre Pinheiro Torres, Helder Macedo, Gastão Cruz, Nuno Júdice, e alguns outros), em sucessivas tertúlias de café (nos cafés «Portugal», «Veneza», «Chiado», «Martinho», «Bocage», «Cubana», «Cunha», «Monte Carlo», «S. Remo», «Toni», a maior parte deles já desaparecidos) ou em sua casa. Reservado e discreto, evita a publicidade, furta-se a entrevistas, rejeita intransigentemente qualquer compromisso com as instituições do Estado Novo. Melhor do que ninguém, ele mesmo definirá, num texto de 1966:

«O que vive em nós mesmo irrealizado precisa nestes tempos dúbios da rijeza da pedra. Orgulho autêntico. Recusa da convivência, do arranjo disfarçado. Dignidade. Elementos de que se faz a vaga teimosia dos sonhos», (*O Aprendiz...*, cit., p. 236).

Dele dirá o realizador de cinema Fernando Lopes, que fez o filme *Uma Abelha na Chuva* (1971), baseado no romance homónimo de Carlos de Oliveira:

«Um exemplo de dignidade e intransigência moral? Carlos de Oliveira opondo-se a qualquer pedido de subsídio oficial para a realização do filme.» (Entrevista ao semanário *O Ponto*, citação de memória).

Desloca-se periodicamente a Coimbra e à Gândara (algumas vezes com desvio à Ereira, perto de Montemor-o-Velho, de visita a Afonso Duarte, que, bastante mais velho, era, como se referiu acima, uma das figuras tutelares dos tempos de Coimbra, ou ao Senhor da Serra, Semide, a casa de J. J. Cochofel), Gândara que continuará a constituir até ao fim a fonte da sua criação literária (sendo de notar que Lisboa não deixou, apesar da longa permanência, grandes marcas na sua obra).

1953

Publicação de *Uma Abelha na Chuva*, que é o 4º romance do escritor, não voltando a publicar outro até à saída de *Finisterra* (1978), dedicando-se entretanto a rever os anteriores.

1957

Organização, juntamente com José Gomes Ferreira, dos *Contos Tradicionais Portugueses* (2 volumes), para o qual escreve anotações, em que aborda o imaginário popular, o qual ocupa lugar de relevo na sua obra. Colabora na *Revista Musical e de Todas as Artes*, de Fernando Lopes-Graça e J. José Cochofel.

1960

Publicação de *Cantata*, livro de poemas. Nova colaboração com Fernando Lopes-Graça, no livro de músicas deste: *Canções Heróicas, Dramáticas, Bucólicas e Outras*. Organiza e anota, juntamente com J. J. Cochofel, a edição póstuma dos poemas de Afonso Duarte, *Lápides e outros poemas*.

1962

Publicação da colectânea *Poesias* na Colecção «Poetas de Hoje» da editora Portugália, livro que colige, revistos, poemas incluídos nos livros anteriores, com excepção do primeiro (*Turismo*).

1964

Publicação da 3ª edição da *Casa na Duna*, em nova versão, refundida, com um prefácio de Mário Dionísio.

1968

Publica dois novos livros de poesia, *Sobre o Lado Esquerdo* e *Micropaisagem*. Colabora com Fernando Lopes no filme, por este realizado, *Uma Abelha na Chuva*, baseado no livro homónimo, e terminado em 1971.

«O que Fernando Lopes chama a «leitura crítica» do meu romance acaba afinal por ser a leitura mais profunda de «Uma Abelha na Chuva» e aquela que portanto me agrada mais.» (Entrevista à revista *Flama* de 10.3.72)

1970

Publicação de uma nova versão do romance *Pequenos Burgueses* (3ª edição).



Carlos de Oliveira com Fernando Lopes
(Colecção particular de Ângela de Oliveira)

1971

Publicação de *O Aprendiz de Feiticeiro*, colectânea de crónicas e artigos, e de *Entre Duas Memórias*, novo livro de poemas, pelo qual lhe é atribuído no ano seguinte o Prémio de Imprensa, para literatura.

Oferece para um leilão a favor da Associação Portuguesa de Escritores um quadro seu e um poema manuscrito e ilustrado com um desenho, revelando uma faceta pouco conhecida da sua criação artística.

1972

Dá uma das suas raras entrevistas, à revista *Flama* (10.3.72), onde afirma:

«Escrever é para mim uma tarefa frequentemente penosa.»

1974

Revolução de 25 de Abril. Participa nas manifestações de regozijo pelo fim da ditadura.

1976

Reúne a sua poesia em *Trabalho Poético* (2 volumes), abrangendo os livros anteriores, revistos, e os poemas inéditos de «Pastoral».

1977

Publicação autónoma de *Pastoral*, último livro de poemas.

1978

Publicação de *Finisterra*, último romance, que, trinta e cinco anos depois de *Casa na Duna*, aborda uma vez ainda, com uma textura literária elaboradíssima, o mesmo mistério da relação trágica do homem com a terra, na «paisagem povoada» de inspiração gandraesa.

1979

É-lhe atribuído o prémio «Cidade de Lisboa» pelo livro *Finisterra*.

1981

Morre, a 1 de Julho, com 59 anos, na sua casa de Lisboa.

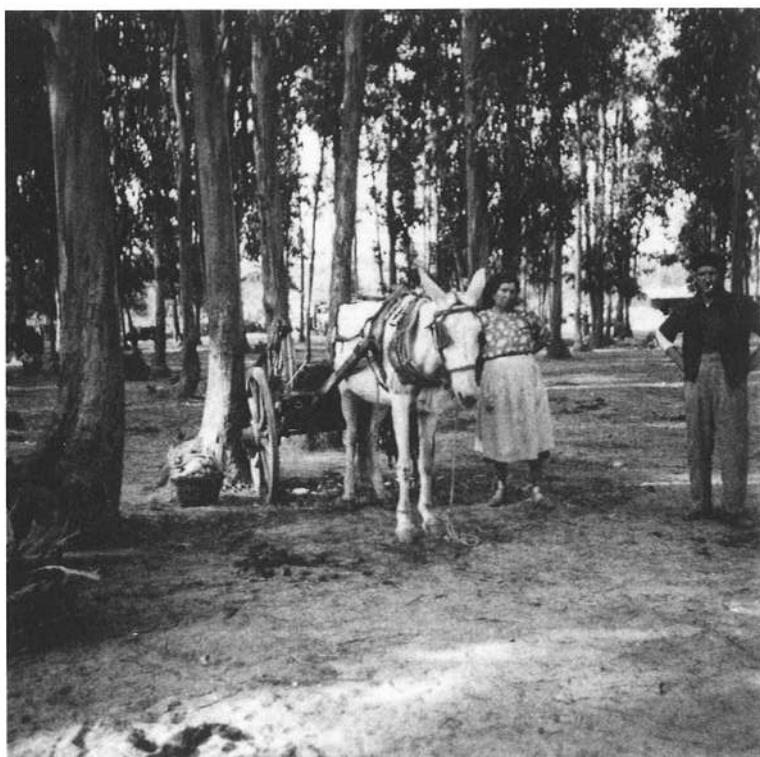
Antología fotográfica



A vindima
(Colecção particular de Ângela de Oliveira)



Casal gandarês, frente à casa onde viveu Carlos de Oliveira – Febres
(Colecção particular de Ângela de Oliveira)



Feira de Cantanhede
(Colecção particular de Ângela de Oliveira)



Feira do gado – Cantanhede
(Colecção particular de Ângela de Oliveira)



Feira de Cantanhede
(Colecção particular de Ângela de Oliveira)



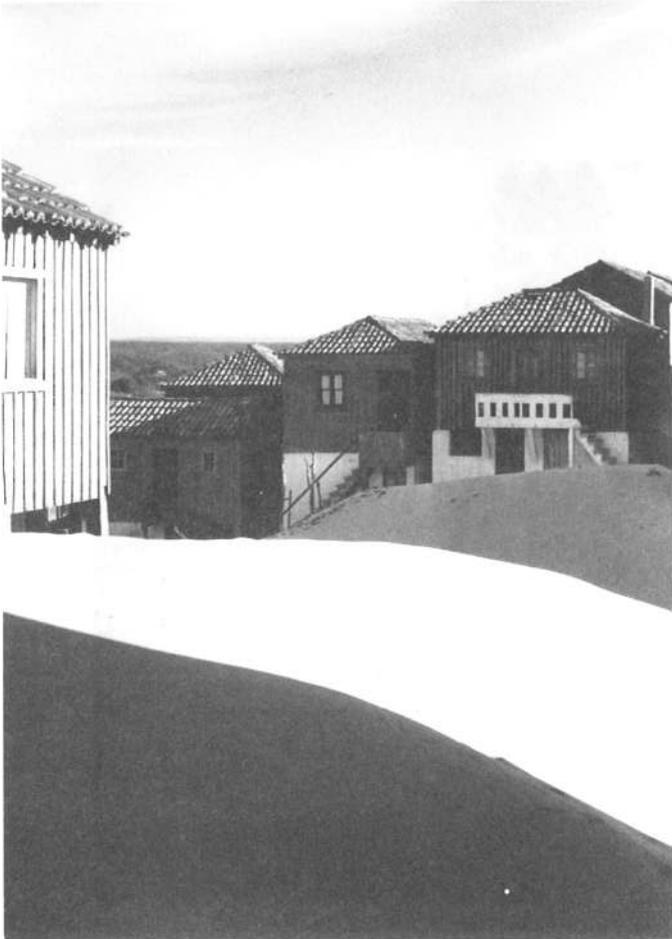
Feira de Cantanhede
(Colecção particular de Ângela de Oliveira)



Palheiros
(Colecção particular de Ângela de Oliveira)

"Mesmo que lamente o
êxodo (e descurto), deves sobre
duas, a perda de vista, não he
desagrada ver a sua febre con-
firmada no peregrino, te
alguma razão."

Fim de semana - 19 de julho
Pág. 24



Praia da Tocha
(Foto de Augusto Cabrita, coleção particular de Ângela de Oliveira)



Construção em adobe
(Foto de Augusto Cabrita, colecção particular de Ângela de Oliveira)



Dunas

(Foto de Augusto Cabrita, colecção particular de Ângela de Oliveira)



Cantanhede
(Espólio da Câmara Municipal de Cantanhede)



Caminho dentre pinhais
(Colecção particular de Vital Moreira)



Caminho dentre pinhais
(Colecção particular de Vital Moreira)



Lagoa
(Colecção particular de Vital Moreira)



Névoa
(Colecção particular de Vital Moreira)



Vegetação lagunar
(Colecção particular de Vital Moreira)



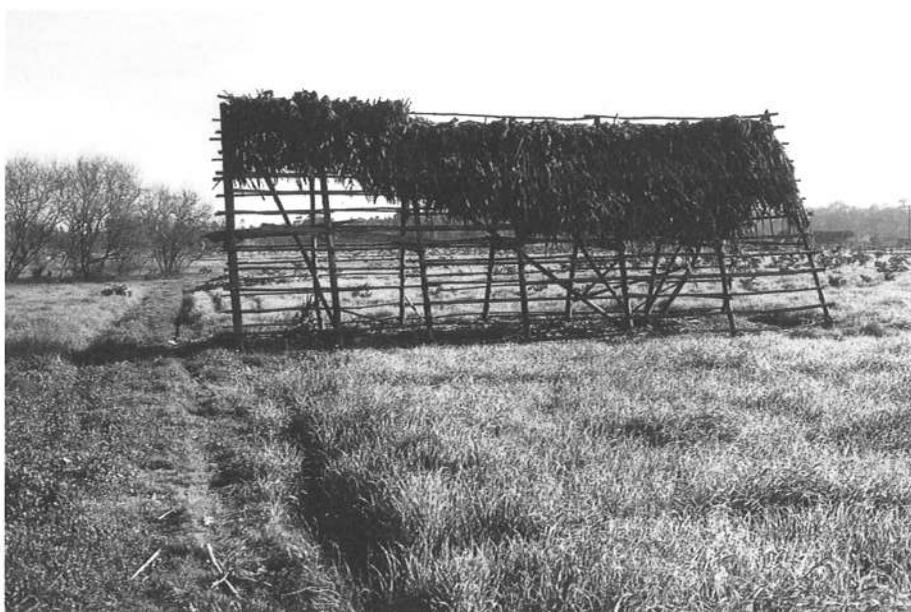
Poçoirão
(Colecção particular de Vital Moreira)



Vergueiro
(Colecção particular de Vital Moreira)



Poço com cegonha
(Colecção particular de Vital Moreira)



Cabana
(Colecção particular de Vital Moreira)



Cabanas e palheiros
(Colecção particular de Vital Moreira)



Adobes
(Colecção particular de Vital Moreira)



Construção efémera
(Colecção particular de Vital Moreira)



Eira, palheiros e cabana
(Colecção particular de Vital Moreira)



Praia
(Colecção particular de Vital Moreira)



Ocupação das dunas
(Colecção particular de Ângela de Oliveira)



Ocupação das dunas
(Colecção particular de Vital Moreira)



Ocupação das dunas
(Colecção particular de Vital Moreira)



Ocupação das dunas
(Colecção particular de Vital Moreira)



Fornos da cal – bocas
(Colecção particular de Vital Moreira)

Índice



Apresentação	7
Paisagem Povoada: a Gândara na obra de Carlos de Oliveira	13
1. Memória da infância	15
1.1. As referências	15
1.2. A memória	16
2. Recriação literária da Gândara	19
2.1. A região da Gândara	19
2.2. A Gândara reconstituída	23
2.2.1. Realidade e transfiguração literária	23
2.2.2. Os lugares	23
2.2.3. A paisagem	25
2.2.4. O mundo camponês	26
2.2.5. A linguagem e o imaginário populares	28
3. Paisagem e Povoamento	29
3.1. O romance da Gândara	29
3.2. A formação da paisagem	30
3.3. O povoamento	31
3.4. Os fornos de cal	33
3.5. A casa	34
Bibliografia citada	39
I. Obras de Carlos de Oliveira utilizadas	41
II. Sobre a Gândara	41
III. Outras obras mencionadas	42
Antologia	43
Notas biográficas	127
Antologia fotográfica	143

A "Rota dos Escritores do Século XX" é um projecto de dinamização e intervenção sociocultural promovido pela Comissão de Coordenação da Região Centro. Os motivos simbólicos que centram e catalisam esta Rota dos Escritores são sete autores do século XX que, por diversos modos de vida e obra, se tornaram indissociáveis da Região Centro e que se notabilizaram pela categoria estética, pela força comunicativa e pelo impacto no espaço público:

Afonso Lopes Vieira (1878-1946)

Aquilino Ribeiro (1885-1963)

Miguel Torga (1907-1995)

Vergílio Ferreira (1916-1996)

Fernando Namora (1919-1989)

Carlos Oliveira (1921-1981)

Eugénio de Andrade (1923).

CARLOS DE OLIVEIRA

Apesar do nascimento no Brasil e, mais tarde, da fixação em Lisboa, é a Gândara que, desde a infância e a juventude repartida com Coimbra, marca a sua obra. As difíceis condições de vida das gentes gandraesas não foram alheias ao seu envolvimento na criação do movimento neo-realista (com os versos de *Turismo*, 1942, na colecção «Novo Cancioneiro» e o romance *Casa na Duna*, 1943, na colecção «Novos Prosadores»). Mas a vivência das terras de «lagoas pantanosas, desolação, calcário, areia» (*O Aprendiz de Feiticeiro*, 1971) também será indissociável do *Trabalho Poético* (1976-78) que sujeita o seu lirismo à depuração numa rigorosa reescrita (*Mãe Pobre*, 1945; *Descida aos Infernos*, 1949; *Terra de Harmonia*, 1950; *Entre Duas Memórias*, 1971; *Pastoral*, 1977). A sua ficção, sem abdicar do realismo dialéctico na visão do mundo (*Alcateia*, 1944; *Pequenos Burgueses*, 1948; *Uma Abelha na Chuva*, 1953), adopta inovadoras técnicas de composição narrativa e acentua a relação do Homem com a palavra (*Finisterra*, 1978).



Comissão de Coordenação
e Desenvolvimento
da Região do Centro



Portugal em Acção



Projecto co-financiado:



PROGRAMA
OPERACIONAL
da REGIÃO CENTRO

